

VÂNIA DE OLIVEIRA
RESENDE SANTOS

ENTRE VERSOS E AFETOS

LEITURA
DE POESIA
NA EJA



EDITORA
ALTA
PERFORMANCE





Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira
Diretora Comercial

Winstom Erick Cardoso Pereira
Diretor Administrativo

CONSELHO EDITORIAL

ACADÊMICO

Prof. Me. Adriano Cielo Dotto (Una Catalão)
Prof. Dr. Aguinaldo Pereira (IFRO)
Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)
Prof. Dr. Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)
Profa. Me. Daiana da Silva da Paixão (FAZAG)
Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita (Cepae/UFG)
Profa. Me. Limerce Ferreira Lopes (IFG)
Profa. Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi (CEFET-MG)
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Profa. Dra. Maria Adélia da Costa (CEFET-MG)
Profa. Me. Patrícia Fortes Lopes Donzele Cielo (Una Catalão)
Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)
Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCAT)

CONSULTIVO

Nelson José de Castro Peixoto
Núbia Vieira
Welima Fabiana Vieira Borges

Vânia de Oliveira Resende Santos

ENTRE VERSOS E AFETOS
Leitura de poesia na EJA

1ª edição

Goiânia - Goiás
Editora Alta Performance
- 2023 -

Copyright © 2023 by Vânia de Oliveira Resende Santos

Editora Alta Performance

Rua 132-A, nº 100, Qd F-45 Lote 2
Setor Sul - CEP 74093-22 - Goiânia/Goias
CNPJ: 21.538.101/0001-90
Site: <http://editoraaltaperformance.com.br/>

Contatos:

Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Editoração: Franco Jr.

Ilustrador: Léo Pincel

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região) 3294

S237 Santos, Vânia de Oliveira Resende.
Entre versos e afetos: leitura de poesia na EJA. / Vânia de Oliveira Resende
Santos. – 1ª ed. – Goiânia : Editora Alta Performance, 2023. [E-Book]
149p.

ISBN: 978-65-5447-127-5

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-1

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil | *Printed in Brazil*
2023



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....7

1. LEITURA DE POESIA E FORMAÇÃO DO LEITOR...11

- 1.1 Poesia para quê? – reflexão e criticidade 11
- 1.2 Poesia para quem? conhecendo o público da
Educação de Jovens e Adultos..... 19

2. UM PERCURSO PELOS QUINTANARES.....27

- 2.1 O poeta, o cotidiano e poesia..... 27
- 2.2 Apontamentos de história sobrenatural:
subjetividade, reflexão e criticidade nos
poemas de Quintana..... 48
- 2.3 *Caderno H*: o aprendiz de poeta..... 57
- 2.4 *Espelho mágico* – trovas cotidianas 66

3. EXECUÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA.....76

- 3.1 Planejamento do Produto Educacional..... 77
- 3.2 Execução do Projeto – Dificuldades e
experiências positivas 78
 - 3.2.1 Dificuldades..... 80
 - 3.2.2 Experiências Positivas 81

3.3	Produção textual dos estudantes	84
3.3.1	Oficina – Autorretrato	84
3.3.2	Verbetes Poéticos	103
3.3.3	Trovas poéticas	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS		144
REFERÊNCIAS.....		146



INTRODUÇÃO

Este livro, intitulado *Entre versos e Afetos* apresenta minha prática pedagógica em sala de aula, desenvolvida durante o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do CEPAE/UFG, entre os anos de 2021 e 2023, cujo produto final é a dissertação *A poesia de Mário Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*.

A princípio foi realizado um estudo, que teve como fundamento teórico Antonio Candido (2004), Octávio Paz (1982), Paulo Freire (1987), María Teresa Andruetto (2017), Rildo Cosson (2021), Alexandre Pilatti (2018), Carlos Felipe Moisés (2019), Hélder Pinheiro (2002) e entre outros. O estudo desses autores propiciou melhor compreensão sobre a importância da poesia como representação da subjetividade e aliada à formação de leitores. Após debruçar-me sobre esses estudos foi o momento de pensar nos alunos que receberiam tal pesquisa, para isso foi pesquisado alguns autores relacionados à EJA, como Alvarenga (2010), Gadotti (2011), além de consultar os documentos orientadores do trabalho com essa modalidade de ensino, entre eles Documento Curricular para Goiânia - EAJA, Projeto Político Pedagógico para EAJA Goiânia e o Projeto Político Pedagógico da Instituição onde a pesquisa foi aplicada.

Também foi necessário ler as obras de Mário Quintana e selecionar o *corpus* da pesquisa, dentre os quais foram escolhidos *Apontamentos de História Sobrenatural*, *Caderno H e Espelho Mágico*, além de ler um arcabouço crítico voltado para o estudo do poeta, tais como Carvalho (2006) e Yokozawa (2006).

Diante desses estudos, a estratégia escolhida para execução do projeto, na Escola Municipal Jardim Nova Esperança, foi trabalhar com Oficinas, visto que diante de minha experiência, sugestão da professora orientadora e também da leitura de Cosson (2021) e Pinheiro (2018), entendeu-se que seria uma excelente opção, já que, por meio dessa metodologia é possível envolver os alunos e contribuir para que construam o conhecimento juntos com a professora-pesquisadora, além de, após a leitura e discussão dos textos escolhidos é importante que haja um registro escrito, a fim de averiguar o conhecimento adquirido pelos educandos, pois como afirma,

Essas sequências procuram sistematizar a abordagem do material literário em sala de aula integrando, fundamentalmente, três perspectivas metodológicas. A primeira dessas perspectivas é a técnica bem conhecida da oficina. Sob a máxima do aprender a fazer fazendo, ela consiste em levar o aluno a construir pela prática seu conhecimento. Em nosso caso, o princípio da oficina se faz presente na alternância entre as atividades de leitura e escrita, isto é, para cada atividade de leitura é preciso fazer corresponder uma atividade de escrita ou registro. (COSSON, 2021, p. 48)

A partir dessa escolha, foram elaboradas seis sequências didáticas, as duas primeiras contemplavam atividades diagnósticas e preparatórias para as oficinas, três sequências des-

creviam especificamente as oficinas de Leitura e Interpretação de Textos e a última contemplava o fechamento avaliativo e culminância do projeto. Dessa forma, as oficinas foram planejadas e executadas nas turmas de 6ª, 7ª e 8ª séries e o resultado desse trabalho foi compilado livro e *E-book*, intitulado *Entre versos e Afetos: Leitura de Poesia na EJA*, dado que as produções expostas no Produto Educacional estão relacionados ao mundo interior (subjetividade) e ao mundo exterior dos educandos e um reflete no outro nesse processo de descobertas e humanização. Assim afirma Andruetto,

Convicção de que a palavra, ademais de sua função prática, tem para nós outra função (uma função que todos os povos do mundo preservaram), que pode ser via de expressão de subjetividade de um indivíduo e, através dele, via de expressão de um conjunto de indivíduo. (ANDRUETTO, 2017, p. 46)

Graças a aplicação da sequência didática, com mediação e intervenção da professora-pesquisadora os alunos leram muitos textos poéticos, o que antes não ocorria, produziram textos criativos e que expressavam seus sentimentos. Os resultados apontam para a eficácia do trabalho com a leitura do texto poético na EJA, pois, além de muito satisfatório o envolvimento do alunos com as atividades, houve muita integração e participações dos estudantes no decorrer das aulas, bem como na execução das atividades propostas, foi possível perceber na análise dos dados, uma potencialização na capacidade leitora crítica dos alunos.

Todo o trabalho realizado foi feito com base em muito diálogo entre professora e alunos, houve muitos relatos de experiências, que foram relacionados aos textos trabalhados.

Durante as aulas houve incentivo à curiosidade, ao questionamento e à criatividade. O estímulo à reflexão foi recorrente, bem como análise crítica dos textos lidos. Dessa maneira o foco foi trabalhar a educação problematizadora que Paulo Freire tanto apregoou.

A educação problematizadora está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras. (1980, p. 81)

Assim sendo, a execução do projeto de pesquisa foi muito bom, produtivo e teve como resultado vários textos produzidos pelos estudantes, além de uma visível simpatia desenvolvida pela leitura do texto poético.



1.

LEITURA DE POESIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

1.1 Poesia para quê? – reflexão e criticidade

*Como é que posso com este mundo?
A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a
esperança mesmo no meio do fel do desespero.*

Guimarães Rosa



Ao escolher o gênero *poesia*, o intuito é contribuir para a formação crítica do leitor, contudo é necessário compreender o que é criticidade.

De acordo com Silva,

A leitura crítica movimenta-se sempre no horizonte do bom senso, busca e detecta o cerne das contradições da realidade. Dessa forma, pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza novas sínteses, combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às ideias referidas pelos textos. (2009, p. 28)

Dessa maneira, compreende-se que a leitura crítica precisa tirar o leitor de seu estado de acomodação e levantar questionamentos sobre a realidade, a fim de entender os conflitos, as contradições que existem no mundo. Essa leitura precisa instigar o levantamento de hipóteses diferentes do habitual, e, principalmente, conduzir o leitor a questionar as ideias disponíveis no próprio texto.

Em corroboração com o autor supracitado, é possível retomar a escrita de Freire (1994, p. 11) “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através da prática crítica e consciente.” Sendo assim, a leitura crítica abala o mundo das certezas do ser humano, o desestabiliza, promove questionamentos sobre seu mundo interno, ajuda a reconstruí-lo por meio de reflexões e, posteriormente, gera desejo de mudanças e constante aquisição de conhecimento, pois como o próprio Freire afirma na obra *Pedagogia da Autonomia* (2011), o ser é inconcluso, inacabado. Esse novo eu, não

vê o mundo e nem sua relação com ele, como via anteriormente, agora, deseja compreendê-lo e transformá-lo. Visto assim, “A leitura, quando é sentida, refletida, indagada, é considerada crítica.” (CAVÉQUIA, 2010, p. 302).

Ainda, conforme Silva (2009), é essencial trabalhar a leitura crítica na escola, já que suas competências não aparecem automaticamente. Compreende-se assim que desde as séries iniciais é fundamental instigar o questionamento ao aluno leitor, como afirma o autor mencionado “As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente: precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelas escolas para que os estudantes, desde as séries iniciais, desenvolvam atitudes de questionamento perante os materiais escritos.” (2009, p. 28).

À vista disso, o professor mediador deverá organizar estratégias para trabalhar poesia na sala de aula, com finalidade de desenvolver um olhar que penetre nas entrelinhas do texto e traduzam o que há de implícito, além de propiciar questionamentos às certezas relacionadas a realidade. Essas atividades devem ser cuidadosamente elaboradas, com o intuito de estimular a sensibilidade do leitor.

Ler um texto criticamente é raciocinar sobre os referenciais da realidade desse texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes das habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais. (SILVA, 2009, p. 33)

A partir desse pressuposto, entende-se por primordial o trabalho com a criticidade e a autonomia na escola. E, na prática, a literatura, que aqui é representada pela poesia, promove tais benefícios ao aluno leitor.

Antonio Candido (2004) afirma que a literatura é um direito universal do homem, sendo valorosa para a sua formação e humanização, Para ele (2004, p. 180), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” constituindo-se elemento fundamental para a formação integral do ser humano.

Todavia, na atualidade a literatura não têm sido tão valorizada e o principal meio de acesso a ela ainda é a escola. A partir dessa visão percebe-se que as ideologias dominantes afetam também a formação de leitores, pois, em alguns casos, propaga-se a ideia de que os textos literários são desnecessários ou ultrapassados e o grande foco tornam-se textos com temática de normas, regras, leis, dentre outros.

Contudo, como diz Candido (2004), as pessoas precisam da literatura para a sua humanização, visto que é muito difícil uma pessoa passar mais de vinte quatro horas sem sonhar e o sonho é a entrega ao universo fabulado, que existe independente da vontade e isso está no cotidiano da existência.

E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (2004, p. 174-175)

A literatura reflete a sociedade e a sociedade cria manifestações ficcionais, poéticas ou dramáticas, mostram as crenças, impulsos, sentimentos e normas sociais, exercendo gran-

de função no ensino, convertendo-se em um instrumento poderoso de instrução e educação. Uma vez incorporada ao currículo escolar, ela é um recurso que conduz à reflexão e análise das diversas situações. De fato, os textos poéticos provocam e instigam o leitor a pensar, analisar e discutir circunstâncias diversas que acometem a humanidade.

Aí está o seu grande potencial político: criar e ler literatura é, em alguma medida, formar ativamente uma certa interpretação da realidade, que nos torna mais íntimos das contradições e das grandes perguntas que se apresentam incontornáveis aos nossos olhos de sujeitos sociais. (PILATI, 2018, p. 38)

Pilati (2018) alerta para o potencial político que tem a literatura, e nessa vertente a leitura revela o diálogo das palavras com o mundo, a problematização que o texto suscita no leitor, incitando-o a tomar um posicionamento crítico diante da realidade social.

Em algumas pessoas, a literatura penetra na alma como uma navalha, pois mostra realidades de sofrimentos e injustiças capazes de desfalecer os mais sensíveis, assim, amplia horizontes e, após esse estado de choque, vem a consciência e a prontidão para o novo, o qual o próprio leitor decidirá o que será: se, de mudança, ação, ou acomodação.

Ao tocar profundamente a alma humana, ela organiza o caos interior, facilita a compreensão do homem e das suas relações e, portanto, humaniza os seus leitores. Todorov atesta essa afirmativa dizendo que

A literatura pode muito. Ela pode estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que

nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (2021, p. 76)

Compreender-se e compreender o próximo e suas relações é primordial para o bem estar individual e coletivo. Recordando a Bakhtin (2011, p. 379), que diz “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada).” Esse desenvolvimento crítico parte dessa consciência de que o homem é a junção do outro, daquilo que absorve nas palavras do outro. Assim o dialogismo, que o autor difunde, faz parte desse desenvolvimento, sendo que o homem vive em constante diálogo com o seu semelhante.

O outro aspecto imprescindível da literatura é a habilidade de fazer, em diversas obras, denúncias de exploração, opressão, manipulação. Registra misérias, servidão e até mutilação espiritual, revelando restrição ou negação de direitos básicos do ser humano. É possível que o leitor acesse ou não o sentido dos textos literários nesses aspectos. Isso dependerá do grau de compreensão leitora que ele conseguiu atingir até chegar à condição de um leitor crítico, questionador, “desperto” (para usar um termo do próprio Quintana). À vista disso, pode-se dizer que a criticidade que a literatura pode promover em seus leitores é de valor inesgotável, pois faz o convite à reflexão e à emancipação. Andruetto faz uma declaração sobre isso,

Desde que existe, desde o começo dos tempos, a literatura olha a singularidade humana, a luta de um ser humano entre o que é e o que quer ou pode ser. Para conseguir que essa verdade não seja só de palavras, luta

contra o oficial de uma língua e de uma sociedade. Luta contra a homogeneidade dos discursos, nos convida a ser pessoas que pensam e sentem de uma maneira própria. (2017, p. 145)

Contudo, apesar da consciência do valor da leitura para a formação integral do ser, percebe-se que a leitura literária está cada vez mais restrita a uma pequena minoria, visto que a pessoa pode satisfazer sua necessidade de ficção por meio de vários outros produtos, desde filmes, séries, telenovelas, vídeos curtos e outros recursos modernos que estão disponíveis na internet, o que aumenta a necessidade de resgatar o trabalho eficaz com textos literários que envolvam os educandos e os motivem a buscar cada vez mais conhecimento.

Não é fácil formar leitores literários críticos, mas é preciso ter disposição para ir além do processo decodificação e análise gramatical ou semântica, é preciso ampliar os horizontes de interpretação e relacionar as práticas sociais ao contexto real do educando e aos saberes que ele carrega. Para que isso ocorra, o educador deve planejar práticas de leitura que proporcionem a reflexão e criticidade.

Converter-se em leitor leva tempo e é uma tarefa de alta intensidade; trata-se de dar saltos sobre si mesmo até uma consciência maior, de maior complexidade, saltos para, nas palavras de Chambers, enfrentar uma ‘literatura que não se dirija ao público, mas à linguagem’. A boa literatura quer leitores capazes de ler a sério, leitores capazes de compreender que a única liberdade de pensamento é a liberdade que se constrói. (ANDRUETTO, 2017, p. 94)

Posto isso, a presença do texto poético em sala de aula, o qual pode desvelar a realidade por meio da linguagem, da cifra,

do jogo entre ritmo e sentido, se bem mediado por um leitor mais experiente como o professor, pode promover o questionamento dialético e, conseqüentemente, a formação crítica do cidadão, o que é imprescindível para, em sentido amplo, melhorar a formação do aluno que é irrefutavelmente um cidadão e melhorar a relação do leitor com a sua própria condição de sujeito. Candido (2004, p. 187) chega a dizer que o esforço pela igualdade de acesso ao texto literário induz à intensificação da leitura, já que essa é o início do processo de conscientização, por meio da leitura reflexiva e crítica. Por consequência, reforça-se a importância de a escola ser o agente principal dessa promoção da leitura em toda a sua extensão. “Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização há um aumento sensível do hábito de leitura, e, portanto, difusão crescente das obras.”

Nesse aspecto, a leitura é um caminho para promover a discussão e reflexão, sendo fonte de inclusão desse saber que a escola carece assegurar aos seus estudantes. De acordo com Zilberman (1991), a leitura conduz o leitor a interpretar o mundo que o cerca, compreendendo-o em uma relação mais racional entre o eu e o coletivo, o que possibilita ao homem a sua percepção enquanto ser social.

Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Pois, se este lhe aparece, num primeiro momento, como desordenado e caótico, a tentativa de impor a ele uma hierarquia qualquer de significados representa, de antemão, uma leitura, porque imprime um ritmo e um conteúdo aos seres circundantes. Nessa medida, o real torna-se um código, com suas leis, e a revelação destas, ainda que de forma primitiva e incipiente, traduz uma modalidade de leitura que assegura

a primazia de um sujeito, e de sua capacidade de racionalização, sobre o todo que o rodeia. (1991, p. 17)

Nesse viés, a literatura ganha destaque, em razão de oferecer, em seus textos, uma amplitude de significados que podem ser explorados dialeticamente, suscitando a crítica e a consciência. Sem dúvida, é um caminho para formar opiniões críticas, tecer conhecimentos em diversas áreas e culturas, além de desenvolver autoconhecimento.

Trabalhar com poesia em sala de aula não tem o objetivo de formar poetas, mas implementar uma educação de qualidade, que media a aprendizagem de maneira crítica, respeitando os saberes que os educandos trazem de suas vivências.

1.2 Poesia para quem? conhecendo o público da Educação de Jovens e Adultos



*O poema acolhe o grito, os farrapos vocabulares,
a palavra gangrenada, o murmúrio, o ruído e o
sem-sentido: não a insignificância.*

Octávio Paz

A proposta de trabalho com a leitura que nessa pesquisa se apresenta contempla um público-alvo bastante especial no que se refere à leitura de poesia: são estudantes que têm uma leitura de mundo mais ampliada, posto que marcada pela vivência de várias situações a que a vida sujeita as pessoas à medida em ela amadurece. Por outro lado, esses mesmos alunos e alunas furtaram-se de frequentar a escola no tempo por razões as mais diversas. É o público da EJA.

A educação de jovens e adultos (EJA) sempre foi um desafio para a sociedade, já que o poder público não a vê como prioridade. Todavia, há muito tempo alguns estudiosos e educadores lutam pela melhoria dessa modalidade de ensino. Esse segmento atende demandas de pessoas que não concluíram seus estudos no tempo regular e que, por algum motivo, foram excluídas do processo.

É importante verificar o percurso histórico que percorreu a EJA, a fim de constatar as batalhas enfrentadas e as conquistas alcançadas. Conforme Gadotti (2011, p. 43-45):

A história da educação de adultos propriamente dita, no Brasil, poderia ser dividida em três períodos:

1º De 1946 a 1958, em que foram realizadas grandes campanhas nacionais de iniciativa oficial, chamadas de “cruzadas”, sobretudo para “erradicar o analfabetismo” [...]

2º De 1958 a 1964. Em 1958 foi realizado o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, que contou com a participação de Paulo Freire. Partiu daí a ideia de um programa permanente de enfrentamento do problema da alfabetização que desembocou no Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire e extinto pelo Golpe de Estado de 1964, depois de um ano de funcionamento. [...]

3º O governo militar insistia em campanhas como a “Cruzada do ABC” (Ação Básica Cristã) e posteriormente, com o MOBRAI.

O MOBRAI foi concebido como um sistema que visava basicamente ao controle da população (sobretudo a rural).

Em seguida, com a “redemocratização” (1985), a “Nova República”, sem consultar os seus 300 mil educadores, extingue o MOBRAI e cria a Fundação Educar, com objetivos mais democráticos, mas sem os recursos de que o MOBRAI dispunha. [...]

O primeiro presidente eleito depois de 1961, criou o PNAC (Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania), apresentado com grande pompa publicitária em 1990 e extinto no ano seguinte sem qualquer explicação para a sociedade civil que o havia apoiado.

Em 1989, com a finalidade de preparar o Ano Internacional da Alfabetização (1990), foi criada no Brasil a Comissão Nacional de Alfabetização, de início coordenada por Paulo Freire e depois por José Eustáquio Romão. Ela ainda continua, até hoje, com o objetivo de elaborar diretrizes para a formulação de políticas de alfabetização a longo prazo que nem sempre são assumidas pelo governo federal.

Percebe-se que o investimento na EJA sempre foi mínimo, não sendo considerada importante, uma vez que atende pessoas de idade avançada para a série, geralmente marginalizados e esquecidos pelo poder público. Ao analisar os documentos que dão legalidade a esse tipo de educação, observa-se que a prioridade era o ensino fundamental, enfatizando os direitos dos estudantes até 14 anos, o que excluía os que esta-

vam em outra faixa etária. A partir de Constituição de 1988, houve um avanço importante para essa modalidade de ensino, pois foram concedidos direitos a todos os alunos independentemente da idade. Na Constituição da República Federativa do Brasil está exposto da seguinte forma:

Art. 208 - O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (EC nº 14/96 e EC nº 53/2006)

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Diante desse artigo da Constituição, Romão/Gadotti (2011) afirma que foi um grande avanço para a Educação de Jovens e Adultos, já que se torna obrigatório proporcionar essa modalidade de ensino a esse público.

Significa dizer que a Carta Magna, pela primeira vez na história da educação brasileira, consagra a obrigatoriedade e gratuidade do ensino fundamental para todos os brasileiros, transformando-o em “direito público subjetivo” (§ 1º do mesmo artigo), independentemente da idade do candidato. (2011, p. 51)

O percurso da Educação de Jovens e Adultos não foi fácil e até nos dias atuais continua enfrentando desafios. A Base Nacional Comum Curricular (2017), por exemplo, criada como

referência para a educação brasileira, com função de determinar as aprendizagens necessárias para desenvolver competências e habilidades nos estudantes durante a educação básica, não traz especificação para a EJA, deixando uma brecha para esse segmento educacional.

Diante do exposto, a equipe educacional do Estado de Goiás elaborou o Documento Curricular Estadual/2019 (DC-GO) e baseado nele e na BNCC, o município de Goiânia organizou o Documento Curricular para Goiânia/Modalidade EJA/2020 (DC Goiânia - EJA), que se pauta nas seguintes concepções “está orientado nos princípios de igualdade e equidade, a partir de valores éticos, políticos, estéticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários, ‘que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (2020, p. 02). Os princípios definidos na BNCC e agregados ao DC Goiânia - EJA contemplam a importância de uma educação de qualidade, contudo, resta esperar que o poder público faça a sua parte, investindo financeira e pedagogicamente nela, promovendo cursos de formação continuada para os professores e valorizando essa modalidade de ensino que sofre para se inserir na sociedade com direitos e deveres respeitados.

O DC Goiânia - EJA precisou se adequar a alguns critérios:

Enquanto a BNCC e o DC-GO organizam o currículo em nove anos, o DC Goiânia - Eaja está sistematizado em oito séries. Isso porque, na elaboração do documento, o conteúdo do quinto ano do componente Língua Portuguesa é distribuído entre a quarta e a quinta séries. Desse modo, na transição dos anos iniciais para os finais do Ensino Fundamental, na modalidade

EAJA, permanece a divisão: quatro séries no primeiro segmento e quatro no segundo. Nessa transição, há a redução de tempo de permanência do professor em sala de aula, modificam-se as exigências pedagógicas e amplia-se o número de componentes. Quanto ao componente Língua Portuguesa, destaca-se a unidocência nas séries iniciais, enquanto que, de quinta a oitava cada professor assume a docência específica de sua formação (pluridocência). (DC Goiânia - EAJA, p. 22)

Dessa forma, a nomenclatura usada é de I e II Segmentos com quatro etapas cada um, ou 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries. Em linhas gerais, os alunos da EJA possuem histórias semelhantes de exclusão social e escolar, por diversos motivos, tais como necessidade de trabalhar, gravidez na adolescência, jovens que tiveram conflitos na escola e na família. Tudo isso favorece o afastamento do ambiente escolar. Quando voltam às aulas, apresentam dificuldades de adaptação, principalmente à rotina de frequentar assiduamente as aulas, bem como sentimento de inferioridade, por não estarem na idade regular para a série. O Projeto Político Pedagógico da EJA Goiânia descreve:

A grande maioria dos sujeitos da EAJA possuem histórias semelhantes: histórias de exclusão, de falta de trabalho, de exploração no trabalho, de serem responsáveis pela sobrevivência familiar, de “voltar a estudar para crescer e ser feliz”. Essa volta constitui-se em um desafio para muitos educandos, pois eles encontram dificuldades em se adaptar à cultura escolar, em cumprir uma rotina de ir todos os dias para a escola após o cansaço do trabalho e o enfrentamento das adversidades presentes em suas vidas. Por conta desse e de outros fatores vinculados à própria escola, a

evasão e a baixa frequência são desafios da EAJA, realidade que se configura em toda a EJA. (PPP EAJA, 2012-2013)

Para vencer tantas barreiras e ser um facilitador da aprendizagem, o professor da EJA precisa promover em uma educação crítica, reflexiva e, como diz Paulo Freire, problematizadora que se conduza pela dialogicidade, esforça-se diligentemente, para que o educando perceba o seu valor como ser no mundo: “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente por meio do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo *com que e em que* se acham.” (FREIRE, 2021, p. 100) Essa percepção de sujeito em um mundo coletivo aduz a uma visão diferenciada de sua vida e sua função social. Sem dúvida, a leitura é o caminho de acesso ao mundo letrado e da compreensão dos diferentes processos de exclusão e exploração a que muitos desses estudantes foram submetidos. Lajolo reforça essa declaração,

Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de rendas e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola. Mas ler, no entanto, é essencial. (1993, p. 106)

Por isso a necessidade de trabalhar o tempo todo com leitura crítica, leitura do mundo e a poesia é um canal para a compreensão e percepção do mundo com suas expressões sociais. Nesse sentido, Cosson diz que “Na leitura e na escritura

do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos.” (2021, p. 17).

Destarte, a escola, torna-se também encarregada por oferecer ao aluno esse bem cultural de valor inestimável, que é eficiente para sensibilizar o espírito, organizar o caos interior e humanizar os seus leitores.



2.

UM PERCURSO PELOS QUINTANARES

2.1 O poeta, o cotidiano e poesia

*Livros como dádivas, oferendas ou pontes para
outros e para zonas desconhecidas de nós mesmos.*

Maria Teresa Andruetto



Convicta da dimensão que a poesia pode alcançar, restava agora, partir para a prática, colocar os textos acessíveis aos alunos e contribuir para a formação leitora deles. Ao folhear os livros, eles precisavam compreender que estavam com muito mais que um objeto em suas mãos, pois, como diz Andruetto (2017), o livro converte-se em um ser vivo, que revira o interior humano, propicia questionamentos, perturbação, além de ensinar a olhar as coisas de outra maneira e principalmente contribui para a compreensão de nós mesmos.

Diante dessa consciência, para desenvolver o projeto desta pesquisa, a escolha foi trabalhar poemas de Mario Quintana, em função das temáticas variadas, poemas curtos, prosaicos e da abordagem do cotidiano que o autor tanto empreende. A leitura de poesia em sala de aula proporcionou aos educandos o acesso a textos mais significativos, mais expressivos, do ponto de vista subjetivo, mas, nem por isso, desconectados da sua função social.

Segundo Paz (1982, p. 15), “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior”. Essa amplitude da poesia passou a ser explorada nos textos de Quintana e ofereceu aos alunos a oportunidade de compreender a riqueza desse tipo de leitura. Esse conhecimento foi chegando aos poucos em sala de aula e desvelou o seu poder de salvação da mesmice, da falta de motivação, da apatia e mostrou que a obtenção do conhecimento pode transformar o mundo, a partir da individualidade e estendendo-se ao coletivo.

De acordo com Candido (2004), a criação poética é a mola da literatura em todos os níveis e modalidades e ainda, segundo ele, deve ser acessível a todas as pessoas, independen-

te se é um analfabeto ou um erudito, ou seja, qualquer pessoa está apta para desfrutar as revelações que a obra traz, por isso, esse projeto trabalhou a poesia em sala de aula, tendo como público-alvo os estudantes do II segmento da EJA (6^a, 7^a e 8^a séries), uma vez que é um segmento educacional com uma variada faixa etária, geralmente, invisíveis para as políticas públicas educacionais e para sociedade, mas que merecem ter seus direitos respeitados, dentre eles o direito à literatura, como defende Candido (2004).

Os poemas que foram explorados em sala de aula são do poeta Mario Quintana, um grande nome da literatura brasileira. Sobre este, assinala Tânia Carvalhal (2006) que Mario de Miranda Quintana nasceu em 1906, no dia 30 de julho, na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul. Era filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e Virgínia de Miranda Quintana. Os avôs materno e paterno eram médicos. Viveu toda a infância em Alegrete, num casarão de esquina, e aprendeu a ler com os pais, soletrando as manchetes do jornal *Correio do Povo*. Também com o apoio dos pais, teve mais tarde acesso à poesia. Enquanto o pai lhe recitava o episódio do Gigante Adamastor, a mãe, educada no Uruguai, declamava Espronceda e Bécquer.

Concluiu o curso primário em escolas de Alegrete e em 1919 foi matriculado no Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato. Conta que só estudava Português, Francês e História, não se interessando pelas demais matérias. Em 1924 empregou-se na Livraria do *Globo*, “Era um emprego muito agradável, porque eu trabalhava de desempacotador na seção de livros estrangeiros. Eu devia desempacotar as raridades francesas...”, diria depois.

Segundo Carvalhal (2006), em 1925 retornou a Alegrete, onde trabalhou como prático na farmácia de seu pai. No

ano seguinte, perdeu a sua mãe. Contudo nesse mesmo ano, foi premiado em um concurso de contos do Jornal *Diário de Notícias* com o trabalho “*A sétima personagem*”. Em 1927, morreu-lhe o pai, ainda no mesmo ano, um poema seu foi publicado por Álvaro Moreyra na revista *Para Todos*, do Rio de Janeiro. No ano de 1929, ingressou-se na redação do jornal *O Estado do Rio Grande*, em Porto Alegre e começou a conviver com intelectuais de sua geração: Augusto Meyer, Theodemiro Tostes, Athos Damasceno Ferreira, Moysés Vellinho, Sotéro Cosme, Erico Verissimo.

Vivia só, em pensões modestas ou em quartos de hotéis, em especial no antigo Hotel Majestic. O prédio do Hotel Majestic, residência do poeta entre 1968 e 1980, foi tombado como patrimônio histórico do Estado do Rio Grande do Sul em 1982, tornando-se Casa de Cultura Mario Quintana com base na lei promulgada em 8 de julho de 1983.

Depois de 1980, viu-se, de repente, sem casa. Ironicamente, observou: “Não tem importância. Moro dentro de mim mesmo.” No entanto, foi morar no Hotel Royal, de propriedade do atleta Paulo Roberto Falcão, que lhe cedeu o quarto 203, em regime de usufruto. Posteriormente, mudou-se para o Hotel Porto Alegre *Residence*, na Rua André da Rocha, no centro de Porto Alegre, onde ficou até o fim da vida.

Ainda, conforme descreve Carvalhal (2006), Quintana trabalhou como tradutor de vários autores franceses. Entre outros autores, traduziu Marcel Proust, Guy de Maupassant, Virginia Woolf, Aldous Huxley, Somerset Maughan e Joseph Conrad.

O seu primeiro livro, *A rua dos cataventos*, foi publicado pela Editora Globo, de Porto Alegre, em 1940. Em 1943 iniciou a publicação da seção *Do Caderno H*, na Revista *Provín-*

cia de São Pedro e dez anos depois começou a trabalhar no jornal Correio do Povo, onde escreveu a seção Do caderno H até 1980. No período de 1943 a 1953, ele publicou as obras: Canções (1946), Sapato Florido e o Batalhão das Letras (1948), O Aprendiz de Feiticeiro (1950); Espelho Mágico (1951); Inéditos e Esparsos (1953); Poesias (1962), volume que reuniu seus cinco livros anteriores.

A partir 1965 continuou publicando livros e antologias, dentre elas Antologia poética (1966), o livro Caderno H (1973); Pé de pilão (1975) obra infanto-juvenil; *Apontamentos de História sobrenatural* e Quintanares, edição-brinde de poesias (1976); *A vaca e o Hipogrifo* (1977) *Prosa e verso*, antologia paradidática (1978); Na volta da esquina (antologia (1979); *Esconderijos do tempo* (1980); *Nova antologia poética* (1981); *Lili inventa o mundo* (1983); *Nariz de vidro* (1984); *Baú dos espantos* (1986); *Da preguiça como método de trabalho e Preparativos de viagem* (1987); *Porta giratória* (1988); *A cor do invisível* e *Antologia Poética* de Mario Quintana (1989); *Velório sem defunto* (1990); *Sapato furado*, antologia infanto-juvenil (1994) e ainda teve a publicação póstuma, do livro *Água* (junho de 1994).

No relato de Carvalhal (2006), mostra que durante a sua trajetória, Quintana recebeu muitas homenagens e títulos que reconheceram o seu valor para a literatura brasileira. Entre eles, em 1966, no dia 25 de agosto foi saudado na Sessão da Academia Brasileira de Letras por Augusto Meyer e Manuel Bandeira, que lhe dedicaram um poema, intitulado “Quintanares”; que foi incorporado para sempre a sua biografia. Nessa ocasião, encontrou, além de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, um de seus poetas prediletos.

Em 1967, recebeu o título de Cidadão Honorário de Porto Alegre, conferido pela Câmara de Vereadores. Nessa ocasião, proferiu a seguinte frase: “Antes, ser poeta era um agravante. Depois, passou a ser uma atenuante. Vejo agora que ser poeta é uma credencial.” No ano de 1968, foi homenageado pela Prefeitura de Alegrete com uma placa de bronze, na praça principal da cidade, onde foram inscritas suas palavras: “Um engano em bronze é um engano eterno”.

Em 1980, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra literária. Ele recebeu vários títulos de Doutor Honoris Causa, concedidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), outro pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), e Universidade de Campinas (UNICAMP) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No mesmo ano, foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros, entre escritores de todo o país, em promoção realizada pela Academia Nilopolitana de Letras. É o quinto poeta a receber esse título. Seus antecessores são: Olavo Bilac, Alberto Oliveira, Olegário Mariano e Guilherme de Almeida.

Morreu, no dia 5 de maio de 1994, aos 88 anos, em Porto Alegre, onde viveu a maior parte de sua vida. A esta cidade dedicou um de seus poemas mais conhecidos, “O mapa”, transcrito em bronze na Praça da Alfândega, no centro da cidade. Nessa praça está também eternizada sua figura em bronze, na companhia do poeta Carlos Drummond de Andrade, em esculturas de Francisco Stockinger. (CARVALHAL, 2006).

Mesmo com uma biografia tão rica, ele tentou ingressar na Academia Brasileira de Letras por três vezes e não conseguiu, possivelmente por questões políticas internas da Acade-

mia, contudo, diante das tentativas frustradas, escreveu o *Poeminha do Contra*, uma resposta bem humorada às seguidas negativas que sofreu.

Poeminha do Contra

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão... Eu passarinho! (CH, p. 28)

Perante o poeta tão premiado e renomado, a escolha do *corpus* da pesquisa foi por utilizar *Apontamentos de História Sobrenatural*, *Caderno H* e *Espelho Mágico*, a fim de desenvolver o projeto que envolve a formação de leitores literários críticos, conscientes de sua subjetividade e sua relação com a coletividade. Como haverá repetição dos títulos das obras quintaneanas, serão utilizadas abreviaturas para referir-se a elas. Seguem os livros com as abreviaturas: *Apontamentos de História Sobrenatural* (AHS), *Caderno H* (CH), *Espelho Mágico* (EM).

A relevância desse estudo fundamenta-se no interesse em formar leitores conscientes de que a poesia é reveladora do cotidiano e da existência, o que Quintana faz muito bem, por meio de palavras simples, adequadas e bem colocadas, que conseguem captar a essência do ser e das coisas ao seu redor, além da maioria de seus textos serem sintéticos e carregados de humor, o que é propício para trabalhar em sala de aula e captivar os educandos.

Mario Quintana fez sua primeira publicação com um livro de sonetos, poemas de forma fixa, isso em plena geração modernista que pregava o verso livre, o que ocasionou a alguns críticos classificá-lo como poeta do passado. Segundo Yokozawa (2006), o autor, realmente, permaneceu com algumas ten-

dências simbolistas, entretanto também se destacou por incorporar várias características modernistas, tais como “a diluição das fronteiras rígidas entre a forma da poesia e a da prosa e a poetização da matéria cotidiana, do ritmo pedestre e da linguagem prosaica.” (2006, p. 131). Dessa forma, ele consegue lidar com temas poéticos e não poéticos, a fim de expressar o corriqueiro da vida e assim, usa da liberdade dos modernistas para escrever da forma que melhor lhe agradasse. Tânia Carvalho (2006) afirma que o poeta sempre teve como primordial em suas obras, a preocupação com o fazer poético, independente de escolas que o pudessem engessar, mas preocupava-se em mostrar a essência da matéria escolhida para seus versos.

A reunião da poesia de Mario Quintana possibilita que se perceba com clareza sua constante preocupação com o fazer poético. São muitos os poemas nos quais reflete sobre a natureza da poesia e a função do poeta. Desde os primeiros livros, identificamos o cuidado com a escrita. (2006, p. 22)

Alguns críticos diziam que o poeta não era engajado com questões sociais, temática privilegiada do período em que iniciou seus escritos, no entanto, como objetivou trabalhar com temáticas cotidianas, não poderia se distanciar dessas questões. Ao tentar retratar a vida diária, também resgata valores humanos e, indispensavelmente, lida com os problemas coletivos. Yokozawa declara isso,

[...] a sua práxis poética pode ser lida a partir de um ponto de vista que privilegia a sua vinculação com o contexto que a originou. E o que esse ponto de vista revela é uma poesia compromissada, de um comprometimento dissimulado, pois implícito, uma poesia al-

tamente empenhada em redescobrir valores humanos que tendem a ser desvalorizados ou extintos pela estrutura social moderna. Isso posto, pode-se dizer que Quintana é engajado sem sé-lo. (2006, p. 43)

E ainda segundo a autora supracitada, mesmo através do silêncio, da falta de declaração visível, o poeta mostra um desgosto para com a sociedade em que vive. “Nota, ainda, que o silêncio do poeta sobre a vida moderna é revelador, porque nesse silêncio está cifrado o seu desgosto por esse modo de organização da experiência” (YOKOZAWA, 2006, p. 45).

A obra do poeta é marcada por um lirismo intimista que retrata a subjetividade humana, envolve a sensibilidade do poeta e do leitor. Para ler Quintana é preciso ouvir a sua voz com muita atenção e receptividade, preparar-se para um texto que toca a alma e reflete na interpretação do mundo exterior. Sobre isso, se pronuncia Fausto Cunha, na obra de Carvalhal.

A poesia de Mario Quintana é toda intimista: ela se forma na zona de superfície da sensibilidade; ela exige, para se comunicar, que o leitor se encontre no estado de espírito propício, que se disponha a confidências sussurradas, que se determine a ouvir um poeta de voz mansa, suave e delicada. Pois, neste poeta gaúcho, tudo é delicadeza, é simplicidade, é humildade (2006, p. 53)

É com esse lirismo, impregnado em sua obra, que adentra vários temas da vida rotineira e traduz suas impressões sobre aquilo que o rodeia, mesclando em seus textos, a percepção íntima das pequenas e grandes coisas da vida com o universo exterior, o que propicia ao leitor reconstruir suas impressões e análise da existência. Assim, afirma Yokozawa, “é com essa voz íntima, subjetiva, que o poeta canta ternamente a ci-

dadezinha interiorana, a ruazinha sossegada e noturna, a infância, se compadece do menino doente e lhe compõe um soneto, recorda os amigos mortos, conversa com e sobre a morte.” (2006, p. 143).

Dentre as características das obras de Quintana, pode-se dizer que há um destaque para o retrato do cotidiano, como afirma Yokozawa (2006, p. 42) a “maior contribuição à poesia brasileira residiria na fixação do cotidiano, na aguda percepção das coisas miúdas.” Essa representação do costumeiro é uma busca constante em sua poesia, como é perceptível em suas obras, e isso não é uma simples referência, mas o poeta usa a sua imaginação e conduz com muito humor e criticidade, contribuindo para a reflexão sobre o que é comum a todos. As banalidades do dia a dia ganham uma proporção e importância maior, passam a ser vistas e analisadas por outra perspectiva, a do poeta, que mostra tudo com um valor essencial para as mudanças e reflexões sobre a vida.

Há na obra de Quintana uma redução geográfica do mundo observado. Nela as pequenas coisas ganham uma dimensão diferente, aumentada. São vistas em si mesmas, mas adquirem ainda outros significados que lhes são atribuídos pela imaginação do poeta. A propensão ao animismo é fartamente explorada nesta poesia na qual os objetos, personificados, assumem, por vezes, maior relevo que os seres. (CARVALHAL, 2006, p. 19)

A imaginação quintaneana é primorosa, inclusive, de acordo com Peixoto (1994, p. 15), “Se procurássemos resumir em um único vocábulo o que é Mario Quintana, a essência de sua poesia, esse vocábulo seria **imaginação**. Para Quintana, poesia e imaginação se confundem; são, na realidade, uma

mesma coisa”. Ao observar a poética de Quintana, constata-se que, realmente, a sua imaginação é fértil, pois consegue traduzir em palavras as mais diversas situações. Capta fatos, objetos habituais e os transforma em algo mágico. Ele reinventa, recria, reimagina a realidade e a verdade, sem se subordinar ao considerado normal.

Essa ligação do poeta com o cotidiano pode ser relacionada ao seu trabalho como jornalista e tradutor por muitos anos, graças a estar sempre rodeado de crônicas e notícias, muitas vezes fatalistas e sensacionalistas e, também, pelo contato direto com grandes nomes da literatura estrangeira, ao traduzir autores clássicos como Marcel Proust, Virginia Woolf, dentre outros. Dessa forma, consegue mostrar o habitual com um lirismo poético que envolve e cria uma imagem redimensionada do objeto de sua poesia.

A leitura do cotidiano, essencial em sua obra, manifesta não só a capacidade do poeta de transformar as coisas rotineiras em poesia como também a experiência de homem de jornal, que encontra nas notícias sua matéria. Muitas vezes, sua poesia é uma crônica, fornecida pela vida. O lirismo se associa ao travo crítico para retratar o quadro cotidiano no qual são personagens preferenciais as velhas senhoras gordas, os mortos, objetos do olhar voraz do Anjo Malaquias. A própria poesia e seus recursos não escapam da maneira irônica de configurá-los, como está posto em “o encontro”, de Baú de espantos. (CARVALHAL, 2006, p. 26)

Para Quintana, tudo pode ser assunto de sua poesia, desde objetos simples, banais, utilizados no dia a dia, como animais, lugares onde viveu ou imaginou viver, personagens reais e fictícios, os sons, as lembranças, a morte, e, enfim, a vi-

da com suas belezas e tristezas. Dentro dessa mistura do real com o ficcional, consegue-se observar o poema *Pequena crônica policial*, presente na obra *Canções*, em que mostra a morte trágica de uma prostituta grávida que é assassinada de modo cruel. Ao ler esse poema, a sensibilidade é aguçada, principalmente, ao tomar conhecimento que a mulher estava grávida de uma menina, o texto choca, mas conduz à reflexão, pois incita a pensar se a criança não teria o mesmo destino da mãe.

Pequena crônica policial

Jazia no chão, sem vida,
E estava toda pintada!
Nem a morte lhe emprestara
A sua grave beleza...
Com fria curiosidade,
Vinha gente a espiar-lhe a cara,
As fundas marcas da idade,
Das canseiras, da bebida...
Triste da mulher perdida
Que um marinheiro esfaqueara!
Vieram uns homens de branco,
Foi levada ao necrotério.
E quando abriam, na mesa,
O seu corpo sem mistério,
Que linda e alegre menina
Entrou correndo no Céu?!
Lá continuou como era
Antes que o mundo lhe desse
A sua maldita sina:
Sem nada saber da vida,
De vícios ou de perigos,
Sem nada saber de nada...
Com a sua trança comprida,
Os seus sonhos de menina,
Os seus sapatos antigos! (Quintana, 2012, p. 55).

Esse poema narrativo baseia-se em achados da vida real, mas que foram escritos com toda a sensibilidade de perceber que coisas habituais podem ser vistas de um ângulo diferente. Assim, o poeta consegue criar uma poesia que abala, faz refletir e desenvolve a criticidade frente ao mundo. Carvalhal confirma essa variedade de elementos, “É surpreendente como convivem, na poesia de Quintana, elementos tão contrários como a dor e o riso, o amargo e o humor, a vida real e o sobrenatural, na simultaneidade de passado e presente.” (2006, p. 26).

Em relação à linguagem, percebe-se que o poeta possui grande conhecimento da língua portuguesa, sabe diferenciar a norma culta da coloquial perfeitamente, no entanto, consegue adaptar-se às variações que julga necessárias em seus textos, Becker alega que,

É a linguagem do poeta que se ajusta de forma exemplar à temática de seus poemas. Ora coloquial, ora purista, e valendo-se com liberdade das mais variadas formas literárias fornecidas pela tradição clássica, sem deixar de criar poemas inovadores em verso livre ou, mesmo, em prosa, Quintana é antes de mais nada um exímio inventor e produtor de formas verbais. Sua sensibilidade o conduz a uma constante experimentação com a linguagem, com o objetivo de torná-la expressiva, pois só assim ela alcançará um efeito mais direto sobre o leitor. (1996, p. 14)

O poeta escolhe o que quer escrever e trabalha em prol de uma elaboração perfeita para seus textos, prefere palavras simples, mas que conseguem alcançar profundidade de expressão. Opta, preferencialmente, por usar a ordem direta nas orações, o que torna a sua maneira de exprimir mais próxima à língua utilizada na vida rotineira. É dessa forma que alega Yokozawa,

Palavras simples, uma sintaxe que privilegia a frase padrão e a ordem direta dos componentes da oração, os lugares comuns do idioma, como é o caso do clichê “o amor é um vírus” (AHS, p. 51), esses são alguns dos elementos que atestam a recorrência que o poeta faz à língua de todo dia. Mas estilizar a linguagem coloquial não quer dizer reduplicá-la. Quintana se vale dessa linguagem como Augusto dos Anjos se vale de termos científicos. Nos dois casos, ocorre aquilo que Merquior chama de “mímese interna”, que é a mímese, a invenção, no nível da linguagem. (2006, p. 65)

No mundo poético de Quintana, percebe-se um uso acentuado de reticências e do ponto de exclamação, diminutivos e letras maiúsculas simbólicas, esses recursos aproximam a língua escrita da fala cotidiana, além de chamar a atenção para o que não foi dito, ou destacar algo que foi grafado nos versos. Enfim, o poeta é um artífice da linguagem, que explora diversos recursos a favor de uma boa expressividade. Yokozawa esclarece o uso de tais recursos e diz que são marcas da autoria singular do poeta.

É verdade que as reticências em Quintana às vezes soam excessivas, integrando, ao lado dos diminutivos e das maiúsculas alegorizantes, aqueles “pontos cegos” em que incorrem todos os que se arriscam na perigosa arte de escrever, na perigosa arte de viver. Mas os defeitos também compõem o estilo, como olhos excessivamente grandes definem uma fisionomia. Os quintanares sem as reticências e outros “pontos cegos” talvez fossem expressões poéticas melhores... Mas não seriam os quintanares. Seriam outros cantares... Difícil imaginar a poesia quintaneana sem os três pontos que ficam vibrando na alma do leitor, (sugerindo-lhe o que o poema não diz, falando-lhe onde o poeta silencia. (2006, p. 148)

Com o uso dos elementos acima, ele alcança uma musicalidade poética que encanta e sensibiliza o leitor. Isso acontece pelo emprego de alguns recursos que somente quem tem conhecimento da linguagem consegue realizar. Esses recursos propiciam um texto com alta qualidade musical. A esse respeito assinala Yokozawa,

Os meios de que se vale essa poesia para se fazer musical são outros que aqueles da música propriamente dita. Rimas, assonâncias, aliterações, estribilhos e marcação rítmica são alguns recursos sonoros que fazem com que a palavra poética cante, ainda que na leitura silenciosa do gabinete, e exerça poder encantatório semelhante ao do gênero musical. (2006, p. 87)

O poeta que canta tantas coisas simples, que reinventa o cotidiano a seu modo, também utiliza outro traço diferencial em seus textos: o uso da ironia e humor, o que se converte em uma riqueza de sua obra. Em alguns casos, pode-se dizer que utiliza a ironia sutil, que abala as estruturas do leitor e o desestabiliza, provocando um caos interior, como é próprio da poesia, para posteriormente se reorganizar de maneira modificada. Em outros momentos utiliza do humor refinado, que provoca o riso, contudo, no mesmo instante a desconfiança, questionamentos e a reflexão crítica sobre o que foi lido. Acerca disso, Yokozawa declara,

Trata-se de uma mirada que reinventa o ordinário. Nessa reinvenção, o poeta recorre muita vez ao humor, a uma ironia sutilíssima, de modo a apresentar uma visão desestabilizadora da vidinha diária aparente mente sólida, das verdades assentadas do senso comum, ou ainda dos valores estabelecidos pela tradição literária. (2006, p. 64)

Isso posto, dá para atestar que o lirismo irônico é uma característica marcante de sua obra e que dessa combinação, que parece contraditória, o assiste em sua expressão e reconstrução da vida cotidiana. O humor utilizado nos quintanares consegue desestabilizar o que parecia estável, questionar verdades da vida costumeira, libertando o leitor de conceitos tidos como absolutos.

Outro fator peculiar é ser adepto do prosaico e longe de ser somente uma expressão espontânea da linguagem escrita, ele é capaz de fundi-la com o lirismo e pura poesia, conforme Peixoto (1994, p. 24) declara, “Quando a prosa se vale das imagens, é poesia com outro nome”. A genialidade de Quintana transparece tanto na criação de poemas de forma fixa, como os sonetos de *A rua dos cataventos*, ou os epigramas de *Espelho Mágico*, assim como em seus poemas de verso livre, ou com estilo prosaico, ficando claro que esse viajante no tempo e no espaço, tanto soube escrever em versos quanto em prosa, sem contudo fugir do lirismo que tanto enaltece sua obra.

Em Quintana, o leitor se depara tanto com textos em verso que são “quase prosa” quanto com textos em prosa que são pura poesia, tanto com poemas como “Pequena crônica policial” (C, p. 51-52) e “Crônica” (AHS, p. 12-13), em que a matéria poética é, a exemplo de Manuel Bandeira, “tirada de uma notícia de jornal”, quanto com uma prosa lírica como a que se segue. (YOKOZAWA, 2006, p. 184)

Ademais, a poesia de Quintana alcançou popularidade e notoriedade, tanto por nomes conhecidos da literatura, como Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Mei-

reles, Paulo Mendes Campos, dentre outros, “a reunião de seus poemas prova que, além de ser o maior lírico da poesia sul-riograndense, Mario Quintana ocupa um lugar especial na moderna poesia brasileira, como o reconheceram poetas da dimensão de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.” (CARVALHAL, 2006, p. 27). Esse reconhecimento do poeta Alegretense veio também em algumas homenagens feitas em versos, como, por exemplo, temos o poema de Manuel Bandeira:

A Mario Quintana

Meu Quintana, os teus cantares
não são, Quintana, cantares:
são, Quintana, quintanares.

Quinta-essência de cantares.
Insólitos, singulares...
Cantares? Não! Quintanares!

Quer livres, quer regulares,
Abrem sempre os teus cantares
como flor de quintanares.

São cantigas sem esgares.
onde as lágrimas são mares
de amor, os teus quintanares.

São feitos esses cantares
de um tudo-nada: ao falares,
luzem estrelas e luas.

São para dizer em bares
como em mansões seculares
Quintana, os teus quintanares

Sim, em bares, onde os pares
se beijam sem que repares
que são casais exemplares.

E quer no pudor dos lares,
quer no horror dos lupanares,
cheiram sempre os teus cantares

Ao ar dos melhores ares,
pois são simples, invulgares,
Quintana, os teus quintanares.

Por isso peço não pares,
Quintana, nos teus cantares.
Perdão! Digo quintanares.

Igualmente, sua poesia conquistou também o grande público, os possíveis fatores dessa popularidade, segundo Yokozawa (2006), podem ser as antologias paradidáticas, utilizadas nas escolas, a publicação de seus textos pelo jornal porto-alegrense *Correio do Povo* e, em nível nacional, a página literária por ele assinada na revista *Isto É*. Além de tais constatações, é preciso reconhecer que sua forma de escrever textos curtos, bem humorados, poemas de forma fixa e livres, feição proverbial a poemas surrealistas, conseguiram alcançar um público também amplo e diversificado.

Para Peixoto, (1994, p. 07), Quintana “se destaca por apresentar uma poesia altamente individual, fruto de uma personalidade criadora que recusa veementemente todo e qualquer tipo de classificação para si e para sua obra, bem como qualquer filiação a escolas e modismos literários.” Dessa maneira, ele percorre um caminho por conta própria, sem amarras ou dever de explicações a outrem, mas, sim, é comprometido com sua poesia e consigo mesmo.

Entretanto, mesmo sendo uma lírica que se popularizou, percebe-se que são textos que parecem simples, aparentam facilidade de interpretação, porém, evidenciam enorme profundidade no uso da linguagem e das imagens construídas, o que facilita a relação com o leitor, mas sem deixar de revelar intrinsecamente seu mundo interior e instigar a reflexão. Yokozawa fala sobre isso, “Que ninguém se deixe levar pela leveza da poesia de Mario Quintana! Ela é leve, sim, mas como o ar, que alimenta ou envenena. Diria mesmo: existe um peso metafísico no alumínio verbal de Quintana” (2006, p. 90).

Na apresentação do livro *A preguiça como método de trabalho*, ele transcreve o texto escrito em 1984, para a revista *Isto É*. Nessa publicação, fala sobre si mesmo e sobre seus textos. Para ele, seria difícil se descrever, pois tudo que é, está em seus poemas “Minha vida está em meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão.” (QUINTANA, 2009, p. 45). Dessa forma, para conhecer um pouco mais desse artista da palavra, é necessário ler a sua obra, ademais é nela que constam detalhes de sua existência e sua relação com o mundo.

Na mesma apresentação supracitada ele diz que prefere citar as opiniões dos outros sobre ele, no entanto, ao mencionar tais pontos de vista, ele discorre, acrescentando ou discordando das ideias alheias.

Prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que nunca acho que escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de autossuperação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! sou é caladão, introspectivo. Não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só

por não poderem ser chatos como os outros? (QUINTANA, 2009, p. 45-46)

Nesse fragmento, é oportuno observar um pouco mais a grandeza do poeta, que consegue visualizar e assumir suas próprias falhas, imperfeições ou sua própria individualidade. Outro fato interessante na vida do poeta alegreense é a respeito de uma homenagem que a prefeitura de sua cidade natal queria prestar-lhe, para isso iriam escrever uma frase, de sua autoria, na praça central do município, mas ele age com seu tom irônico e provoca uma crítica a si mesmo, segundo denota Fischer & Fischer,

Tudo culmina de modo quintanesco, quando a prefeitura de sua cidade natal, Alegrete, resolve fazer uma placa em bronze para eternizar alguma frase do poeta na praça central da cidade. Era o ano de 1968, e Quintana, no melhor de seu cortante humor, não teve piedade, nem de si mesmo, e esculpiu a seguinte frase: ‘Um engano em bronze é um engano eterno. (2006, p. 63)

O poeta sempre teceu uma autocrítica sobre sua obra, sendo rigoroso com sua produção, de acordo com Fonseca (2009, p. 134). Em determinada ocasião, Quintana prefaciou um livro para um poeta bageense que dizia “A vida me ensinou que a gente só gosta de quem é parecido com a gente. Lendo os versos de Fulano de Tal, vejo que somos muito diferentes. Talvez esteja aí o seu grande valor.” Por essas palavras, demonstra que o gosto pelo igual impede de ver além de si mesmo, e de perceber características novas que podem ter grande valor. Ao citar que os versos de “Fulano de Tal” são diferentes dos seus, e

que por isso devem ter maior valor, faz uma autocrítica ao seu modo quintaneano de escrever, entretanto, isso não o desvaloriza, pelo contrário, faz com que o leitor note o exímio artesão da palavra, que exige de si o melhor na construção de sua obra poética.

Outra curiosidade sobre esse escritor é que sempre fugiu das padronizações e dos enaltecimentos, fugia até mesmo aos elogios, como diz Fonseca,

Sempre arredio, Quintana garantia que era preferível ser alvo de um atentado do que de uma homenagem: era mais rápido e sem discurso. Com o tempo, se acostumou, até gostou, mas com ironia costumeira disse que eram tantas que nem lhe sobrava tempo para morrer. É preciso notar que muitas dessas homenagens foram uma tentativa de institucionalizá-lo. Sob o rótulo de anjo, queriam-no doce e apenas doce. Mas Quintana uma vez disse que nele havia um anjo e um demônio e que, ao contrário do que se podia pensar, não brigavam entre si, conviviam. (2009, p. 159)

Com isso, afirma que dentro dele convivia naturalmente o lado bom e ruim do ser humano, o que, certamente, facilitou o diagnóstico de tantas obscuridades nas atitudes das pessoas e, conseqüentemente, o direcionou ao uso da ironia e humor para mostrar tais características.

Portanto, o poeta é um ícone da literatura brasileira, digno de ser estudado e divulgado, sendo seus textos de forte influência para a reflexão e desenvolvimento da criticidade, por isso foram escolhidos para nortear o projeto de leitura de poesia em sala de aula, visando à formação de leitores críticos na Educação de Jovens e Adultos.

2.2 Apontamentos de história sobrenatural: subjetividade, reflexão e criticidade nos poemas de Quintana



Emergência

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que ainda estás em uma cela
Abafada,
Esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
– para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.
Mario Quintana

Em 1976, Mario Quintana publica *Apontamentos de História Sobrenatural*, o que para ele seria a primeira obra que seguia a cronologia de fato. “Eis o meu primeiro livro cujos poemas saem mais ou menos na sua ordem cronológica. Porque antes se reuniam numa ordem lógica.” (QUINTANA, 2012, p. 15).

Outro fator interessante é o nome do livro: *Apontamentos de História Sobrenatural*, título que conduz o leitor a imaginar que sua obra está repleta de seres ficcionais, realidade ex-

traterrestre e sobrenatural, no entanto, o leitor se depara com o real da vida e vai descobrindo que ele reproduz a realidade rotineira, alagada pelo sonho, pela magia poética, de forma onírica e sobrenatural com finalidade de retratar o que há de mais habitual na existência, como se pronuncia Yokozawa,

Para um leitor que não tenha familiaridade com a poesia de Quintana, com o insólito dos títulos dos seus livros, a simples leitura desse título poderia criar a expectativa de que a matéria do livro é o sobre-humano, o extraterreno. Essa expectativa se desfaz ante a leitura dos primeiros poemas, reveladores de que a realidade recriada não é outra que esta que se desenrola diante dos olhos do leitor. E este se indaga: – Mas onde o sobrenatural? E é então que descobre que o sobrenatural, do livro e da vida, está é aqui, nesta realidade de todo dia. (2006, p. 155)

Essa obra foi lançada para comemorar os 70 anos do poeta e nela encontra-se tanto formas tradicionais como sonetos e odes, como também poemas de versos livres e a tão cultivada prosa poética. Em relação à temática, ele trabalha com a diversidade de assuntos, objetos, fatos e acontecimentos da vida corriqueira, traz memórias e reflexões sobre as fases da vida – infância, adolescência, velhice –, bem como, trata da temática do tempo, da vida, da morte, da própria poesia e da imaginação. Essas temáticas são embaladas de humor e ironia, muita subjetividade, bem como, transparece-lhes o seu avesso, com tiradas inusitadas e fabulosas, muitas vezes embebidas com o transcendental.

Yokozawa fala sobre a atitude do poeta de fundir-se com aquilo que ele retrata, pois dessa forma consegue revelar uma visão singular do objeto da poesia.

Como decorrência dessa forte subjetividade, dessa atitude do poeta que, em vez de se distanciar do objeto a ser descrito para vê-lo com mais nitidez, a ele se funde, tem-se a diluição dos contornos nítidos do modelo e a criação de retratos que nada representam com exatidão (talvez seja lícito falar em antirretrato), mas que muito sugerem, à maneira de um retrato pictórico moderno. (2006, p. 52).

Em vários textos dessa publicação, Quintana fala sobre a própria poesia, é o caso do poema *Emergência* (AHS, p. 59), em que transborda em sua definição do poético, quando menciona que “Quem faz um poema abre uma janela”, essa janela é para a vida ou mesmo para a sua compreensão e chega a exprimir que “Quem faz um poema salva um afogado”, ou seja aqueles que estão perdidos nesse mundo, sentindo-se mortos, a poesia tem essa função de despertar para o valor da existência, pois, segundo Peixoto, (1994, p. 34) a poesia quintaneana tem “um fim mais complexo: o aperfeiçoamento da alma humana”.

Também, em *Aula inaugural* (AHS, p. 146), fica explícito que acredita ser a poesia uma tábua de salvação para o caos da vida, tanto para o poeta quanto para o leitor “Fora da poesia não há salvação / A poesia é dança e a dança é alegria / Dança, pois, teu desespero, dança / Tua miséria, teus arrebatamentos / Teus júbilos” Essa salvação atenua as dores e sofrimentos, proporciona alívio e refúgio, também expressa a alegria e esperança e no fim do texto, ainda nomeia o poeta de “encantado dominador de monstros”, monstros que metaforicamente representam as imperfeições, as atrocidades da existência. E a única forma de concretizar esses versos salvíficos é através da leitura, momento em que poderão fundir-se autor e leitor e as-

sim materializar o ato de esperança, a luz em meio as trevas de dias difíceis.

Em outro texto, *Poemas* (AHS, p. 47), utiliza a figura do grilo para mostrar a procura da poesia, “o mais puro diamante”, porém, revela que essa busca interminável pela noite adentro é inútil, pois a primorosa poesia está na própria loucura. “E se o que tanto buscas só existe/ em tua límpida loucura/ – que importa? / isso / exatamente isso / é o teu diamante mais puro”. Nessa descoberta de que, na loucura se produz poesia, vai se reinventando e criando outros poemas metalinguísticos, na tentativa de explicar o que para ele mesmo é pura magia. Como coloca no poema *Poesia & Magia* “A beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras que diz: um verso é uma fórmula mágica.” (CH, p. 59). Enfim, para o autor, a poesia é encantatória, com significados elevados, salvação para a humanidade perdida no caos.

Além de falar sobre a própria poesia, outro tema recorrente é a morte, que ele lida como uma companheira de jornada que o acompanhou desde o dia de seu nascimento, mas que também faz refletir sobre a vida e o seu valor. Assim salienta Carpinejar, no prefácio de *Velório sem defunto*,

A morte para ele não é triste, nem trágica, é um mistério necessário (“as coisas sem nome”) para respeitar a vida.

Sem a morte, a vida não seria valorizada. Seria agredida, banalizada, esgotada.

Sua teoria tem consistência existencial: morrer é parcelado, é acreditar naquilo que se viveu para aceitar – devagar – o que não podemos fazer. (QUINTANA, 2013, p. 9)

A temática da morte está em outras obras do autor, contudo em AHS, ela perpassa de forma sutil em vários poemas e funde-se com outra temática que é a passagem do tempo, como está presente em *O tempo e o vento* (AHS, p. 19), em que diz “Havia um relógio onde a morte tricotava o tempo”. Esse tempo é fatídico, passa rápido e a vida vai se findando aos poucos, isso fica evidente no poema *O tempo* (AHS, p. 100), em que os versos vão mostrando que o tempo não para e a velhice vai adentrando o corpo dia a dia, “O Tempo não pode viver sem nós, para não parar”, assim, o tempo só existe porque o homem existe para percebê-lo.

Ao falar do percurso do tempo, o poeta apresenta fases da vida, fala da infância, como em *A surpresa de ser* (AHS, p. 115), quando cita personagens dos contos infantis, João, da História de *João e o Pé de Feijão* e traz à memória momentos de sua infância “Joãozinho era eu / na relva estendido / atento aos mistérios das formigas eu trabalhavam tanto...”. Nesses versos há uma relação com as coisas simples do cotidiano, mas que fascinam a infância, o olhar atento da criança capta coisas banais do dia a dia com uma essência mágica.

Outra faixa etária contemplada em sua obra é a adolescência, a qual é vista como momento da descoberta, medo do novo, mas também da curiosidade e do desejo, como revela o poema *O adolescente*,

O adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo,

Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas

esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:

Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
– vestida apenas com o teu desejo! (AHS, p. 21)

Nesses versos, evidencia-se o despertar do adolescente, que acaba de sair da fase infantil e começa a descobrir-se e a desvendar o mundo a sua volta, para o jovem, a vida é nova, é o princípio, pois ainda tem muito a conhecer e toda uma história para escrever, portanto, a adolescência é apenas o preâmbulo das vivências humanas.

Quintana também dedica vários versos à fase da velhice, conforme percebe-se em *O velho do espelho* (AHS, p. 68), em que mostra a descoberta fatal da vida. Tudo passa tão rapidamente, que não se reconhece mais como um jovem, mas se vê como o pai envelhecido misturando-se à sua própria imagem. A velhice é encarada como fase que representa a experiência, mas em alguns momentos causa-lhe melancolia, por pensar na proximidade da morte.

A riqueza de AHS não para e, pode-se encontrar versos sobre a cidade de Porto Alegre, cujo poema “O Mapa” retrata um pouco de seu sentimento em relação a essa metrópole em que viveu maior parte de sua vida. Nesse texto, relata a existên-

cia de ruas por onde nunca passou e nem passaria, mostrando alguns mistérios escondidos na cidade e locais intocados por ele. Para Yokozawa, ele canta seu amor pela cidade, sem contu-
do idealizar, pois vê os problemas decorrentes da modernidade que afetam o lugar de sua morada.

Nascido no interior do Rio Grande do Sul, em Alegrete, elegeu a capital gaúcha como “a cidade do seu andar” (e também do seu repouso) e a ela declarou o seu amor no poema “O mapa” (AHS, p. 143). Mas o “suave mistério amoroso” que enlaça poeta e cidade não impede o primeiro de rechaçar na segunda a modernização que nela se opera sob a égide do progresso técnico. Antes de a cidade em si, o que o poeta parece recusar é o “pesadelo técnico”. Mais do que este, o que ele talvez rejeite é a desintegração de valores humanos e, por conseguinte artísticos, que muita vez se processa em nome do afã desenvolvimentista. (2006, p. 104)

Mesmo diante da visão crítica de sua cidade, ainda encontra momentos para o sonho e aproveitar o deslumbramento que a cidade lhe proporciona. O poema retrata a cidade, e concomitantemente, a vida do poeta que tanto percorreu as ruas, visitou lugares que estão presentes em sua obra. Como atesta Carvalhal (2006, p. 20) “as ruas exercem fascínio sobre o poeta caminhante, ele as percorre na realidade e no sonho, muitas vezes imaginando-as”

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde amais passarei.

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,

Há tanta moca bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...) (AHS, p. 160)

Muitos outros assuntos são magicamente tratados nessa obra, contudo, é destaque *O autorretrato*, poema repleto de lirismo, em que o poeta tenta se descrever e para isso evoca elementos da natureza como nuvem e árvore. A primeira retrata o movimento, as mudanças e multiformas em que se torna a cada momento; na segunda comparação “às vezes me pinto de árvore”, mostra suas convicções, de suas raízes e àquilo que empreenda com a sua poesia, para além disso, o uso do advérbio “às vezes”, demonstra instabilidade e a constante procura para se definir. Além disso, revela sua feitura de passado, das lições que o tempo traz, “ou coisas que não existem”, e nessa procura instável vai se descobrindo como criança e louco, desvelando de um lado a ingenuidade, a fantasia infantil, pureza e de outro o louco, que destoa do normal e tem suas próprias impressões da vida e do mundo. Ele recria a sua existência com a sua própria significação.

O autorretrato

No retrato que me faço
– traço a traço
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
– pouco a pouco –
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco! (AHS, p. 33)

Destarte, Yokozawa registra seu comentário sobre os versos,

Assim, no retrato em que se faz, Quintana carrega nos tons subjetivos e vai, traço a traço, pintando coisas que, em vez de definirem o referente, antes o indefinem. Ao buscar a sua semelhança em coisas dessemelhantes, em coisas intangíveis, ao pintar um retrato que comporta a incoerência de ser “nuvem” e “árvore”; e evoca, em lugar da trivialidade concreta do que existe, a imaginação fabulosa do que existirá, ele rompe, à maneira da pintura moderna, com a lógica perspectivista que orienta a obra clássica e alcança o ilogismo dos de senhos daqueles que, como o artista, não foram corrompidos pelo bom senso: a criança e o louco. (2006, p. 53)

Logo, esse poema é relevante para a compreensão do poeta, de sua obra e cabe como autorreflexão sobre a vida humana em seu caos existencial. Com presteza, ainda há outras obras com as mesmas características, que procuram decifrar o ser em sua amplitude.

Então, AHS é uma obra riquíssima que merece ser lida e refletida calmamente, a fim de sentir-se no mundo e assimilar a subjetividade existente em cada indivíduo e nas pequenas coisas do dia a dia, que muitas vezes são ignoradas e imperceptíveis. E como disse Carpinejar (In QUINTANA, 2013, p. 10)

“O escritor derruba poemas pelo caminho, como se segurasse uma jarra de suco excessivamente cheia. Ele transborda escrevendo pouco. Passa a imagem de plenitude com o mínimo. Mata a gula com farelos. Salva o suicida pela unha.”

2.3 *Caderno H*: o aprendiz de poeta



“O Profeta diz a todos: eu vos trago a Verdade, enquanto o poeta, mais humildemente, limita-se a dizer a cada um: eu te trago a minha verdade. E o poeta, quanto mais individual, mais universal.”

Mario Quintana

Caderno H foi uma publicação lançada em 1973 e trata-se de uma seleção dos textos que foram publicados na *Revista da Província de São Pedro* e no *Correio do Povo*, o nome *Caderno H*, refere-se ao fato de que todos os textos acabam sendo escritos de última hora, ou na “Hora H”, isso conforme Moriconi (In Quintana, 2013, p. 76). Nessa obra, o leitor depara-se com textos que foram divulgados diariamente na revista e jornal que o poeta trabalhava, portanto, pensamentos habitu-

ais sobre diversos assuntos. De acordo com Fischer & Fischer (2006, p. 65) “Caderno H, reunião daqueles poemas que também são crônicas, em que se pode ler diretamente o pensamento do poeta sobre várias coisas, sobre as coisas de que ele se ocupava.” Dessa maneira, as linhas escritas que compõem essa obra, são frutos de vivências cotidianas e inerentes às experiências do artista da palavra.

A obra é composta por quase 700 textos, prosas curtas, pequenas crônicas e poemas em prosa, onde o autor faz uso consciente das formas fixa ou livre, já que percebe que cada poema tem seu ritmo e sua forma e se utiliza disso para criar seus textos livre de preconceitos e com originalidade, deixando uma riquíssima contribuição para a literatura brasileira. (YOKOZAWA, 2006).

No texto *Das Escolas Poéticas*, fica clara a sua atitude de liberdade em relação a estilo literário, já que declara que sempre foi faltoso em todas as escolas. Isso refere-se tanto às escolas de ensino normal, quanto às escolas literárias, “A minha escola poética? Não frequento nenhuma. Fui sempre gazeador de todas as escolas. Desde assinzinho... Tão bom!” (CH, p. 42). Essa liberdade de criação deixa-o feliz, observa-se na expressão “tão bom!”, que soa como um alívio por poder escrever livre de amarras e de compromissos ideológicos.

Os poemas de CH tratam de uma diversidade de temas e objetos associados ao dia a dia, porque foram escritos com objetivo de publicação diária em revistas ou jornais, dessa maneira, o poeta amplia sua visão para a rotina e aborda uma abundância de assuntos, amiúde, de maneira questionadora. Apesar disso, preserva a musicalidade e as características líricas fundamentais para a expressividade poética. Então, Guilhermino César certifica essa afirmativa, “Quintana seria ca-

paz de criar uma zoologia fantástica, a exemplo de Jorge Luís Borges, e de certo modo a criou em poemas prosaicos, que desmontam o ritmo tradicional sem alienar a musicalidade. E isto põe o leitor insciente quase inareado”. (*apud* CARVALHAL, 2006, p. 63).

O retrato do costumeiro, das coisas singelas são realizados com a visão subjetiva e atenta do poeta, que enxerga os mistérios escondidos nos detalhes, construindo uma sutil integração entre eu lírico e o objeto da poesia, de acordo com Yokozawa (2006). Tânia Carvalhal (2006, p. 26) também concorda que a leitura do cotidiano é muito rica e plural na obra de Quintana: “É surpreendente como convivem, na poesia de Quintana, elementos tão contrários como a dor e o riso, o amargo e o humor, a vida real e o sobrenatural, na simultaneidade de passado e presente.” (2006, p. 26). Em seus textos, há uma gama enorme de assuntos que conseguem revolver emoções diversas, pensamentos surpreendentes e viscerais.

Nessa obra, o leitor é instigado a questionar os temas trabalhados e a pensar de forma inovadora, ir além dos padrões convencionais, ser independente, a ponto de imergir no texto para perceber a pluralidade de sentidos presentes em seus poemas. Sobre a postura do poeta a respeito da poesia engajada, por exemplo, a crítica Yokozawa diz:

Essa poesia panfletária, poder-se-ia dizer endossando a postura de Quintana, não é libertadora, porque é destituída de qualidades artísticas e quer doutrinar o leitor, ensinando-o comodamente a só respeitar o que se pensa igual, enquanto a ‘verdadeira poesia’ deve trazer-lhe a inquietude de uma interrogação a mais, alargar-lhe os horizontes, fazê-lo “satisfeito de se dar o desespero”, Daí o disparo irônico do autor de *Caderno H* ao definir

o proletário: ‘Sujeito explorado financeiramente pelos patrões e literariamente pelos poetas engajados’ (CH, p. 153). (2006, p. 37)

Essa não entrega do sentido dos poemas é revelada pelo próprio poeta em *O poema* (CH, p. 130): “O poema / essa estranha máscara / mais verdadeira do que a própria face...” é capaz de revelar mais do que aquilo que está à frente e visível aos olhos.” Além disso, em *Explicação parcial*, relata que, em sua juventude, lia os grandes clássicos, como Dostoievski, com o propósito de “... decifrar o mistério da alma, o sentido da vida, a finalidade do mundo.” (CH, p. 127), e, após tentar desvendar os enigmas de sua existência, passa a incorporar em sua poesia o sobrenatural para explicá-la, como atesta em *Claro Enigma* (CH, p. 158), “Os poetas são os únicos que não podem falar contra os absurdos da religião. Mesmo aqueles que se julgam materialistas devem estar ingenuamente iludidos: a poesia é um sintoma sobrenatural.” (CH, p. 158).

Essa obra composta por diferentes gêneros textuais também possui material significativo sobre a própria poesia. No texto *Carta* (CH, p. 136-139), Quintana parece resumir suas opiniões sobre a criação poética ao responder a um poeta iniciante. Entre tantas características, menciona não ter dom para escrever em prosa e expõe a importância do ritmo e da emoção nos versos, pois segundo ele, são elementos intrínsecos ao gênero e fundamentais para conquistar o leitor.

A prosa não tem margens, nunca se sabe quando, como e onde parar. O poema, não; descreve uma parábola traçada pelo próprio impulso (ritmo); é que nem um grito. Todo poema é, para mim, uma interjeição ampliada; algo de instintivo, carregado de emoção. Com

isso não quero dizer que o poema seja uma descarga emotiva, como o faziam os românticos. (CH, p. 136)

No entanto, a emoção apregoada não é sentimentalismo exagerado como convinha aos Românticos, mas uma carga emocional ligada ao eu poético que se expressa por meio das palavras. Também mostra a questão da verdade, que, de acordo com ele, representa a verdade visível e crível pelo poeta “Eu trago a minha verdade. E o poeta quanto mais individual, mais universal”, expondo assim, que a criação poética é a verdade do poeta, não havendo necessidade de justificativas ou vínculo direto com a realidade, assim o poeta cria de acordo “com sua imaginação e com a sua percepção de mundo.” (VENTURIN, 2010, p. 80).

Ainda atesta que as digressões sobre a poesia sempre lhe causaram tédio e perplexidade, dessa maneira evidencia a sua posição contra os críticos literários, que, segundo ele, não deveriam ser lidos, pois a poesia basta a si mesmo, já que, o melhor é senti-la. Ainda confirma essa ideias no poema *Leitura*,

Essa mania de ler sobre autores fez com que, no último centenário de Shakespeare, se travasse entre uma professorinha do interior e este escriba o seguinte diálogo:
– Que devo ler para conhecer Shakespeare?
– Shakespeare. (CH, p. 75)

Nesse texto, chega a frisar que essa mania de ler sobre os autores, provou-lhe um certo diálogo com uma professorinha, que lhe interrogou sobre o que ler para conhecer Shakespeare, ao que responde, deve-se ler, unicamente, o próprio autor. Dessarte indica que a interpretação poética é feita pela leitura dos próprios versos, ou seja, eles bastam a si mesmos, sem necessidade do atravessamento da crítica. Ressalte-se aqui que, à

parte a ironia de Quintana com a “professorinha do interior” nesse poema, não se desmerece a importância da crítica e dos estudos autorais nas academias, nos cursos de Letras e afins, uma vez que, para o leitor especializado, tanto melhor que ele conheça com profundidade a obra em si e o que se fala ou se falou dela, justamente para ampliar e aprofundar o olhar para a produção de determinado escritor, mas com objetivo final de enaltecer a própria obra literária

A mesma opinião é reiterada em *Os Intermediários* (CH, p. 129) “Não me ajeito com os padres, os críticos e os canudinhos de refresco... Não há nada que substitua o sabor da comunicação direta.”, ou seja, não gosta de intermediários, prefere ir direto ao ponto, para afirmar essa opinião usa a figura dos padres, considerados mediadores dos homens com Deus, os críticos que analisam e interpretam os autores (poetas) e ainda usa um objeto comum ao cotidiano, o canudinho, utilizado como canal do suco (ou outra bebida) à boca. Tudo isso para confirmar a afirmação de que sua preferência é pela comunicação direta, sem atravessadores. A relação entre autor e leitor deve acontecer sem desvios, já que, é nessa conexão que se compreendem e se completam. Para Venturin (2010, p. 87) “não há nada melhor do que a comunicação direta, ver, ler, sentir, por conta própria, sem ter o percurso de interpretação modificada por nada nem ninguém.”

No mesmo texto *Carta*, Quintana continua suas reflexões sobre a criação poética e afirma que o poema pode surgir de palavras ouvidas, de uma imagem contemplada, de coisas inesperadas e que acontecem a qualquer hora e em qualquer lugar, no entanto esse é o início do processo, posto que escreve, nesse primeiro momento, e guarda para depois analisar e reescrever, retirando todos os excessos e o que lhe parece falso,

Vai tudo para o papel. Guardo o papel, até que um dia o releio, já esquecido de tudo (a falta de memória é uma bênção nestes casos). Vem logo o trabalho de corte, pois noto logo o que estava demais ou o que era falso. Coisas que pareciam tão bonitinhas, mas que eram puro enfeite, coisas que eram puro desenvolvimento lógico (um poema não é um teorema) tudo isso eu deito abaixo, até ficar o essencial, isto é, o poema. Um poema tanto mais belo é quanto mais parecido for com um cavalo. Por não ter nada de mais nem nada de menos é que o cavalo é o mais belo ser da Criação. (CH p. 136)

Para Quintana, a palavra precisa ser exata, fruto de um trabalho constante que aparas as arestas, a fim de deixar somente o essencial. Ele conclui dizendo ao poeta iniciante par ler poetas de que gostar, pois assim, compreenderá melhor a si mesmo e ao próprio poeta lido e por último o conselho é que “trabalhe, trabalhe em seus versos e em você mesmo e apareça-me daqui a vinte anos. Combinado?” (CH, p. 139). À vista dessa frase final, compreende-se que ele acredita que o fazer poético demanda não só inspiração, mas um exercício árduo e técnico para aperfeiçoar o que foi escrito, “É preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.” *Da difícil facilidade* (CH, 121). Dessa maneira reitera Peixoto,

Fazer poemas é um aprendizado. Todo verdadeiro poeta o sabe. A inspiração está lá, mas sozinha não consegue nada. É preciso que o poeta lute com o poema, que, tomado pela inspiração, sinta que o poema quer se fazer presente. O poema tem algo a dizer, e o poeta, como diz Quintana, deve estar lá para ajudá-lo. (1994, p. 46)

Caderno H confirma a preferência do poeta em escrever sobre as coisas simples do cotidiano, todavia, esses objetos e acontecimentos comuns são expressos com singularidade, lirismo e humor, consoante ao expresso em *Crônica* (CH, p. 128) “Ah, essas pequenas coisas, tão quotidianas, tão prosaicas às vezes, de que se compõe meticulosamente a tessitura de um poema [...], talvez a poesia não passe de um gênero de crônica, apenas: uma espécie de crônica da eternidade.” A matéria das crônicas do dia a dia, tão íntimas de seu trabalho nos jornais, é assunto de seus poemas, mas não simplesmente como notícias corriqueiras publicadas e esquecidas em seguida, entretanto, com poesia tornam-se eternas. Assim ratifica Yokozawa, “Então o cotidiano, o mesmo que serve de matéria para a crônica jornalística, torna-se um fecundo manancial lírico, de modo que a poesia se faz ‘uma espécie de crônica da eternidade.’” (2006, p. 189).

Nesse intento de retratar o cotidiano, há uma busca pelo que o faz cantar liricamente, o que declara no poema *Busca* (CH, p. 68) “Subnutrido de beleza, meu cachorro-poema vai farejando poesia em tudo, pois nunca se sabe quanto tesouro andar­á desperdiçado por aí... Quanto filhotinho de estrela atirado ao lixo.” Assim como o cachorro procura alimento até mesmo no lixo e, por vezes, o encontra, igualmente o poeta não exclui qualquer objeto para ser alvo de seus versos, uma vez que, transforma-se em tesouros a serem explorados. Veja o que diz Yokozawa.

Os sentimentos mais elementares: saudade da infância, angústia perante o tempo que passa, surpresa diante do milagre da vida. As coisas mais comuns deste cotidiano nosso de cada dia: os guarda-chuvas perdidos, os botões que se desprenderam, um copo d’água sobre a

mesa. Os heróis sem história do cotidiano: os pregoeiros, uma prostituta esfaqueada, o anônimo leitor. Os elementos das “formas simples” (Jolles, 1976), encontrados nos contos que nossos avós nos contavam, nas canções que ouvíamos na infância, nas brincadeiras de adivinha. Todos esses temas desprovidos de sublimidade para a grande arte tradicional vão parar na poesia de Quintana, seguindo a melhor tradição modernista no que tange à indistinção entre temas poéticos e não-poéticos. Por sua vez, assuntos por si só elevados, como a morte e reflexões complexas sobre a existência, são tornados acessíveis, seja através do humor, que, pelo riso, suprime o distanciamento imposto por motivos solenes, seja por meio de uma linguagem simples. (2006, p. 84)

Quintana escolhe sem preconceitos os assuntos de sua poesia, utiliza objetos usuais e similarmente com temas formais em toda a sua obra, resgata sentimentos de todas as faixas etárias, e reflete a angústia do tempo, que passa rapidamente e também da morte, além de externar o pasmo essencial diante da vida. Incita a reflexão e criticidade, como reitera Pilatti “criar e ler literatura é, em alguma medida, formar ativamente uma certa interpretação da realidade, que nos torna mais íntimos das contradições e das grandes perguntas que se apresentam incontornáveis aos nossos olhos de sujeitos sociais.” (2018, p. 38).

Em se tratando da linguagem ele não é radical em nenhum aspecto, contudo prefere utilizar palavras simples, de uso corriqueiro, o coloquialismo em alguns casos e o humor, para expressar a essência do objeto de seus versos, conforme a afirmação de Paz (1982), de que a poesia é porta-voz de tudo, até mesmo daquilo que é desprezado na própria linguagem, “O poema acolhe o grito, os farrapos vocabulares, a palavra

gangrenada, o murmúrio, o ruído e o sem-sentido: não a insignificância.” (1982, p. 344).

Para ler alguns dos escritos desse Caderno H, demoram-se segundos, mas depois, eles permanecem na mente por horas, provocando uma reflexão sobre a essência de cada palavra, sobre os finais inusitados e as interrogações deixadas para o leitor. E é esse o tipo de leitor que ele deseja cultivar, já que, em *A arte de ler* (p.150), demonstra tal intuito, “O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria.” Para ele, o leitor precisa ultrapassar os limites do texto e alargar os horizontes.

2.4 Espelho mágico – trovas cotidianas



Das ideias

Qualquer ideia que te agrade,
Por isso mesma... é tua.
O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro de ti se achava inteiramente nua...
Mario Quintana

Em 1951, Mario Quintana publica *Espelho Mágico*, um livro notável, pois à maneira de *A Rua dos Cataventos*, apresenta poemas de forma fixa, porém, desta vez opta por quartetos metrificados, que podem ser classificados como epigramas. Segundo Lúcia Sá Rebello, em prefácio do referido livro, ele é composto por “111 quadras deste livro, revela o gosto por uma forma poética que vai estar presente em muitas de suas obras posteriores.” (In QUINTANA, 2005, p. 12). De acordo com a mesma autora, o epigrama é uma composição,

[...] espirituosa, breve, incisiva e de caráter satírico [...] comum entre os escritores da antiga Roma. Por mais breve que seja, possui sempre duas partes: a primeira, na qual se chama a atenção do leitor, e a segunda, em que de modo inesperado é satisfeita essa curiosidade. Seu objeto deve ser um pensamento ligeiro sobre o cotidiano, uma sátira, uma antítese, um equívoco. (REBELLO, in: QUINTANA, 2005, p. 12)

Diante da caracterização dos poemas que compõem *Espelho Mágico*, é importante ressaltar que é uma obra pouco trabalhada pela crítica, mas que segundo Carvalhal (2006) o poeta foi por muito tempo mal avaliado e pouco compreendido. O que pode ter ocorrido, por ser uma obra que utilizou feitura de textos formais, escritos em forma de epigramas, em pleno período em que os autores prezavam pelo verso livre. Segundo Becker (1996, p. 162), “O *Espelho Mágico* nunca recebeu, por parte da crítica, uma aprovação incondicional. Muitos o consideram uma obra menor, circunstancial, e acusam a forma clássica dos quartetos de arcaica e inadequada.”, no entanto, com essa obra, o poeta demonstra muita consciência crítica, pois mesmo utilizando-se de um gênero de forma fi-

xa, há um esmero em seus versos, ao revelar, com humor, as intempéries da vida, as verdades impregnadas na sociedade e seus aspectos questionáveis,

No *Espelho Mágico*, o poeta faz rir do espetáculo do mundo e dos vícios dos homens. [...] Nesse sentido, os quartetos do poeta podem ser qualificados como uma máscara de segundo grau, que desvela a falsidade da primeira máscara, constituída pela representação ficícia do mundo que o homem constrói em sua consciência através dos conceitos, como mostra Nietzsche. Com sua arte, o poeta cria uma ‘ficção potencializada’, que suspende a ficção convencional e revela a realidade verdadeira, permeada de aspectos risíveis. (BECKER, 1996, p. 164)

Tudo isso, mostra que suas quadras não são arcaicas, foram opções do poeta, que usou da liberdade conquistada pelo Modernismo literário para escrever como lhe aprouve, sem preocupação de agradar aos críticos, mas com objetivos maiores, tais como revelar uma realidade verdadeira, utilizando-se do riso para provocar a reflexão.

O epigrama está associado à sátira, que, segundo Geir Campos, no Pequeno Dicionário de Arte Poética (1985, p. 178) é “composição poética, quase sempre burlesca e desabusada, maliciosa, intencional sempre, tendo por escopo caricaturar e censurar defeitos, enganos e erros alheios.” Dessa maneira, os traços satíricos percorrem esse trabalho do poeta, que juntamente com a ironia e o humor causam a surpresa e o riso.

Já a ironia aparece de modo sutil, como intenção de opor-se ao que é considerado legítimo e correto, direciona o leitor a contestar as suas crenças. Ele muda possibilidades e probabilidades e produz o imprevisível. Isso causa a desorga-

nização interior e prepara o leitor para se reconstruir, a partir da visão de imagens transformadas pelo espelho mágico poético, Dantas alega que,

A presença da ironia na poética de Mario Quintana está mais ligada à construção de uma linguagem intencional geradora de ambiguidades e contrariedades do que de uma simples figura retórica a qual consiste apenas em dizer o contrário do que se quer dar a entender. Ultrapassa a grosseria e encaminha-se para a sutileza e a graça. (2016, p. 40)

No livro, *A vaca e o hipogrifo*, (2008, p. 237), Quintana ressalta o conceito de ironia “A ironia tem algo de desumano, ainda mais com aquele ar de superioridade,” por isso ao usar essa figura de linguagem, atenua seu caráter de “apenas em dizer o contrário do que se quer dar a entender” e emprega-lhe com um aspecto diferente do convencional, atribuindo-lhe polidez, graça e sutileza. E para diferenciar ironia de humor, o poeta usa a seguinte explicação: “E, a propósito, a melhor discriminação que encontrei entre uma obra e outra foi em Louis Latzarus em sua biografia de Rivarol: ‘a ironia é espírito à custa dos outros; o humor é o espírito à custa própria.’” Assim, ele explica que rir às custas do outro é ironia, mas rir de si mesmo e de suas próprias imperfeições é o humor. Diante disso, pode-se dizer que, na obra desse autor, a ironia sutil e o humor caminham juntos.

A escrita epigramática em EM, distingue-se das demais obras, pois Quintana utiliza uma visão própria do mundo para colocar o leitor frente a realidade que o cerca. Ele fala de tudo, de vários comportamentos da humanidade, revela os altos e baixos da condição e contradição humana, de acordo com

Yokozawa (2006, p. 65), “...o espelho, sendo mágico, em lugar do contorno exato e preciso da realidade, reflete uma contra imagem e o sobrenatural é extraído das cenas mais pedestres,” assim, a magia do espelho está em desconstruir o que já é posto e refletir o caos, a transcendência humana por meio do reflexo captado no espelho, objeto que representa a matéria poética.

Ele segue o modelo do epigrama, como citado anteriormente, em que apresenta inicialmente uma interpelação ao leitor, chamando-lhe a atenção sobre determinado tema, para em seguida surpreendê-lo com o inesperado. Esse inesperado gera uma desorganização daquilo que antes parecia o real e o certo. Nos dois primeiros versos, a sensação é de estar frente a algo comum, uma imagem previsível do objeto, no entanto, nos dois últimos versos depara-se com uma imagem diferente do habitual, gerando um questionamento sobre a imperfeição e falha daquilo que é dito inicialmente. Essa segunda parte do poema, geralmente é alcançada pelo emprego da sátira, ironia e humor. A escolha do gênero epigrama foi bem delineada, já que proporciona o uso desses recursos de modo muito natural, característica constante na obra do poeta e que segundo Dantas,

Sátira, ironia e humor, mesclam-se e alternam-se em uma poesia sutilmente cortante e incisiva, levando-nos a um riso desconcertante. Seu humor, no entanto, não advém da zombaria gratuita e/ou de um caráter meramente corretivo e domesticador de valores morais, mas antes faz-nos rir de nossa própria condição. (2016, p. 90)

Nessa obra, observa-se uma interpretação do cotidiano, apreendido com muita sensibilidade e sutileza, mas que abala e

desconcerta o leitor em sua aparente estabilidade, direcionando-o para uma nova interpretação. Veja-se o que diz Yokozawa:

Esse livro [*Espelho mágico*] à primeira vista tão desprezível, constituído de quadras rimadas e estrutura proverbial, foi preterido até mesmo por alguns “quintanólogos”. Dele diz Fausto Cunha (1978, p. 228) tratar-se de “livro puramente circunstancial. E Augusto Meyer, quando Quintana publicava, em jornais, os epigramas que comporiam essa obra, repreendia-lhe, dizendo-lhe que deveria deixar de ‘quadrilhices’. Mas uma leitura atenta e despida tanto quanto possível dos preconceitos de quem está sob o signo da nova poesia, revela, nas quadrinhas aparentemente circunstanciais, reflexões irônicas e astuciosas sobre a tradição popular, as verdades assentadas pelo senso comum e a tradição cultural ocidental, notadamente a literatura europeia. (2006, p. 82-83)

Ainda nessa linha, de tratar de temas comuns, ele passa assuntos diversos, desde autoconhecimento, a questões religiosas e sociais. Em uma de suas quadras, o próprio título revela a sua proposição “Dos sofrimentos quotidianos”. Nessa quadra, trata os infortúnios cotidianos como irrelevantes e fúteis diante da vida, e que, em muitos casos, ganham lugar de grandes acontecimentos, visto que “nem todos podem ter uma grande desgraça”.

Dos sofrimentos quotidianos

Tricas... nadinhas mil... Rídiculos extremos...
Enxame atroz que em torno à gente esvoaça.
E disto, e só por isto envelhecemos...
Nem todos podem ter uma grande desgraça! (QUINTANA, 2007, p. 31)

Para Quintana, o homem está rodeado de sofrimentos comuns, intrigas, pequenas coisas insignificantes, mas que tornam proporção maior ao se juntarem e esvoaçarem sobre a cabeça, isso gera conflitos diários e traz preocupação, para o poeta esses fatos corriqueiros não são heroicos, pelo contrário são anti-heroicos, e, demonstram como é a vida sem grandes acontecimentos. Concomitante com essas ideias, Becker diz que,

Quintana descreve a anti-heroica trajetória do homem comum, perdido em meio aos pequenos desastres e vexames do dia a dia. [...] O paradoxo expresso no último verso fixa a imagem fiel da vida sem grandeza: uma desgraça verdadeira seria um prêmio para quem vê a sua existência corroída por acontecimentos insignificantes. (1996, p. 154)

Em EM, identicamente a outras obras, há uma demonstração de zelo com o fazer poético, já que em várias quadras, aborda a temática com consciência de que é um trabalho árduo, que necessita de elaboração e um processo que se faz e refaz continuamente, até chegar ao resultado desejado e conferir às palavras utilizadas uma ampla significação. Atesta dessa maneira, Rebello

[...] antes de tudo o poema é expressão. A produção e a composição significam ordenação das palavras. A palavra é como um material potencial ainda não estruturado, não carregado do sentido conotativo, esperando a hora da sua transposição para a fala ou para o discurso. Antes dessa transposição, a palavra existe solitária e muda, à espera de uma fecundação para entrar no ritmo da gestação e do nascimento poético. (In QUINTANA, 2007, p. 17)

Logo, esse trabalho realizado com a palavra demanda um processo lento e perspicaz, que vai amadurecendo assim como a vida que vai se formando durante a gestação, “Fere de leve a frase... E esquece... Nada / Convém que se repita... / Só em linguagem amorosa agrada / A mesma coisa cem mil vezes dita.” (EM, 2007, p. 25). Esse trabalho é sublime, quase incompreensível aos outros, pois estes só veem o resultado final, que é o poema pronto, mas desconhecem todo o trajeto percorrido.

Na poesia quintaneana, a criação de imagens fortes e surpreendentes são comuns, já que são utilizadas figuras de linguagem, jogos de palavras, comparações para expressar a visão que o poeta tem do mundo que o cerca. Essas imagens são plurissignificativas e conseguem traduzir um outro olhar sobre as circunstâncias. Paz (1982, p. 130), afirma que “A imagem é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece. A imagem recolhe e exalta todos os valores das palavras sem excluir significados primários e secundários.” Assim sendo, a produção poética utiliza recursos diversos para colocar o leitor diante do inesperado, impelindo-o a refletir sobre si mesmo e sobre o exterior que o envolve.

O trabalho com as imagens é primoroso, pois é refletida, por meio do espelho, a ótica do poeta, que apresenta ao leitor imagens distorcidas de uma realidade criada por ele, mas que tem por objetivo reproduzir a realidade. Para obter essa compreensão, é necessário observar as imagens deformadas e até subversivas que os poemas quintaneanos criam e relacioná-las a uma nova elucidação, uma visão poética que produz o inesperado, conforme afirma Paz (1982, p. 119) “A palavra imagem possui, como todos os vocábulos diversas significações [...] Cada imagem – ou cada poema composto de imagens – contém

muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou reconcilia suprimi-los.” Dessa maneira, Quintana consegue criar imagens que partem do cotidiano, do senso comum e atribui-lhes um significado novo, às vezes contraditório ou modificado de sua origem, refletindo em seu espelho imagens com significados “mágicos”, confirmando o que Paz (1982, p. 129) diz “A imagem diz o indizível.”

Por conseguinte, mediante a elaboração de imagens poéticas, Quintana provoca o leitor a sair de sua comodidade e refletir, desloca-o de seu estado original e estável para instigá-lo a pensar em coisas comuns, mas com uma nova perspectiva, fugindo do trivial. Conforme diz Dantas,

Em *Espelho Mágico*, entendemos que o fascínio das imagens se encontra justamente no que elas nos apresentam de surpreendente e provocativo: ferinas e anti-conventionais, reveladoras de nossas facetas mais íntimas; não, profundas!... A singularidade de seus versos encontra-se na superfície exposta e crua com que nos são apresentados. (2016, p. 73)

Por esse percurso, realizado em torno do *corpus* da pesquisa, percebe-se a grandeza dos versos do escritor alegretense e apura-se que sua obra pode contribuir para a formação de leitores críticos, capazes de compreender a condição subjetiva e coletiva do ser. As obras escolhidas lidam com uma temática ampla que ora constrói, ora desconstrói conceitos considerados estáveis pelo senso comum e os recompõem em uma dinâmica de reflexão, conforme atesta Paz (1982, p. 138) “A poesia coloca o homem fora de si e simultaneamente o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. O homem é sua imagem: ele mesmo e aquele outro”. Assim, a leitura da poesia quintaneana

pode auxiliar os educandos em sua formação integral para que sejam leitores críticos, capazes de compreender sua subjetividade a relação com a coletividade, a fim de transformar a realidade em que vivem.

Ainda é fundamental ressaltar que esse estudo fez um apanhado geral sobre alguns aspectos da obra de Quintana, no entanto, há outros elementos que podem ser explorados e discutidos em sua rica e vasta obra. Esse estudo é um ponto no imenso horizonte que pode ser investigado e analisado em cada livro do grande poeta rio-grandense-do-sul. Já que esse artista da palavra se dedicou intensamente à produção poética e conforme expressa Fischer & Fischer (2006, p. 84) “Foi toda uma vida dedicada a fazer poesia, a ser poesia. Uma bela vida, uma bela poesia, disponível para os leitores de todo lugar, de qualquer época”. Resta aos leitores quintaneanos aproveitarem cada verso, experienciar seus ensinamentos e aproveitar a sua essência poética.



3.

EXECUÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA





3.1 Planejamento do Produto Educacional

O planejamento do Produto Educacional iniciou-se com os estudos teóricos, que sempre foram direcionados à compreensão da importância da literatura para a formação de leitores críticos e reflexivos, conscientes de seu valor individual e para a sociedade, como declara Andruetto “[...] a literatura é, ao mesmo tempo, íntima e social; o é em suas ideias, mas ainda mais no modo como utiliza a linguagem, que é um bem de todos, e na maneira com que isso, que é de todos, se reflete na subjetividade individual.” (2017, p. 109). Cientes da dimensão

da literatura, a pesquisa teve como texto literário escolhido para ser trabalhado em sala de aula, a poesia, posto que é um gênero textual que consegue penetrar no íntimo do ser, revelar quem somos e ao mesmo tempo transcender para o coletivo. “O poema nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos.” (PAZ, 1982, p. 50).

Diante disso, vários autores, alguns já citados na introdução, foram consultados e serviram de base para o planejamento e execução deste projeto, com o intuito de confirmar que a leitura de poesia contribui com a formação de leitores literários críticos, capazes de compreender sua condição subjetiva e coletiva, por meio de poemas de Mário Quintana. Através dos textos produzidos e da participação dos estudantes durante as aulas, deu para perceber o posicionamento dos educandos diante das reflexões provocadas pela leitura de poesia.

O primeiro passo para a prática em sala de aula foi uma reunião com o grupo gestor e demais professores para repassar o projeto e seus objetivos, além de convidar a todos para se envolverem nas ações programadas. Em seguida, foi elaborado o planejamento de uma sequência didática (veja anexos) com os objetivos e percurso metodológico a ser executado. Depois desse planejamento estava tudo pronto para iniciar os trabalhos.

3.2 Execução do Projeto – Dificuldades e experiências positivas

A execução do projeto de pesquisa *A poesia de Mário Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)* iniciou-se no dia 06 de setembro de 2022, assim como toda proposta a ser executada em uma escola, gera momentos de dificuldades, mas também de expe-

riências positivas. Consciente dos obstáculos, mas com esperança de alcançar os objetivos propostos iniciei a concretização do planejamento. Todavia, em todo tempo, lembrando-me das palavras de Andruetto “Converter-se em leitor leva seu tempo e é uma tarefa de alta intensidade; trata-se de dar saltos sobre si mesmo até uma consciência maior, de maior complexidade.” (2017, p. 94).



3.2.1 Dificuldades

Trabalhar com a EJA é um grande desafio todos os dias. As salas de aula são compostas por alunos de faixa etária variadas, com perspectivas e desejos diferentes, o que pode ocasionar choque de interesses. Nas turmas em que foram ministradas as aulas, havia alunos de 16 a 61 anos de idade. Os adolescentes e jovens são mais irreverentes, gostam de brincar, conversar e sair da sala por qualquer motivo, enquanto os adultos ficam mais focados, não gostam das brincadeiras dos adolescentes e jovens e ficam nervosos com barulhos e conversas paralelas. Essa foi uma das adversidades que tivemos que contornar com muito diálogo e combinações prévias para que as aulas fluíssem com êxito.



Também gera dificuldades na EJA, da Escola Municipal jardim Nova Esperança, a falta de assiduidade e pontualidade, visto que os educandos faltam muito e alguns chegam somente no segundo horário, devido ao trabalho e a dificuldade de locomoção do trabalho até a casa e escola. Por esse motivo, alguns conteúdos precisaram ser ministrados mais de uma vez, além de fazer constantes revisões, a fim de alcançar a todos os participantes.

Devido a inúmeros problemas de ordem pessoal e social, muitos educandos se afastaram da escola e quando retornam, sentem-se inferiores, com baixa autoestima, acham que não vão conseguir aprender e muitos até desistem no decorrer do ano letivo. Essa barreira é uma das mais difíceis de romper e foi necessário muito diálogo, palavras de incentivo e motivação para ajudá-los a vencer essas dificuldades.

Além de tudo isso, no ano de 2022, a escola teve baixa taxa de matriculados, visto que foi o ano em que as escolas da Rede Municipal de Educação retornaram 100% presencial, após quase dois anos de aulas on line, devido a Pandemia de Covid-19, que todos vivenciamos. Por isso, percebeu-se que muitos ainda tiveram dificuldades para voltar à escola, seja por insegurança ou porque sentiram-se desanimados.

Por último, quero relatar que alguns alunos apresentaram resistência em participar do projeto de pesquisa, com receio de se comprometerem com algo que não conseguiriam realizar, mas após muita conversa, tirando dúvidas e explicando resolveram ingressar nessa pesquisa.

3.2.2 Experiências Positivas

Trabalhar com leitura de poesia é desafiador, mas motivador e sempre haverá frutos desse trabalho, por mais árduo

que seja. E ao desenvolver esse projeto não foi diferente, houve muitas alegrias e momentos de reflexão, onde professora e alunos se sentiram tocados pelos textos lidos e pela troca de experiência.



Os alunos perceberam que o projeto era interessante começaram a participar meio receosos, mas depois interagiram e integraram nas atividades ministradas. Houve engajamento e disposição para os momentos de leitura, discussão e também da escrita. Além de relatos de vivências que emocionaram a turma e a professora.

Durante a aula em que li alguns poemas de Mário Quintana, dentre eles *Emergência*, a aluna S. A. O. R., de 57 anos, disse “eu não sei onde a professora arruma tanta poesia bonita para a gente ler”, evidenciando que a poesia conquistou o coração da aluna. Em outro momento ao ler alguns poemas de *Caderno H*, em especial *AH, VIDA...* “*A vida está cheia de interferências indébitas, de acasos estúpidos, de personagens errados que travam conosco desencontrados diálogos de surdos, a vida está atravancada de pormenores inúteis, a vi-*

da parece um romance mal feito!” a aluna A. R. B., de 47 anos, relatou “eu nunca tinha pensado desse jeito”, confirmando o que Moisés (2019, p. 17) diz “a poesia nos ensina a ver como se víssemos pela primeira vez.” Perante o exposto, comprovou-se que a poesia é para reflexão, análise e relação com a vida e seus percursos.

Outro momento emocionante, foi durante a Oficina Autorretrato, quando muitos sentiram-se confortáveis em compartilhar suas experiências por mais doloridas que fossem. Dessa forma, a aluna N. S. S, de 58 anos, narrou um pouco de sua vida e disse que os textos lidos em sala, fizeram-na recordar de fatos e acontecimentos que viveu, dentre eles a violência sofrida em casa, as dificuldades financeira, a luta para criar os filhos e netos. Ao fazer esse relato, de forma mais detalhada, os colegas de sala ficaram emocionados e passaram a olhar para a estudante como um exemplo, uma vez que já enfrentou tantas lutas e dificuldades, mas não desistiu de seguir em busca de seus sonhos, pois a mesma declarou que sonha em fazer um curso superior. Diante das narrações que a aluna fez, relaciona-se o acontecimento com o que diz Jouve “Uma única palavra às vezes pode fazer surgir um passado: por meio da leitura, o texto remete cada um à sua história íntima.” (2002, p. 119).

Diante de tudo isso, a avaliação realizada foi muito positiva, já que por meio dos comentários orais e escritos, da troca de experiência e dos textos produzidos, deu para perceber que os estudantes melhoraram a compreensão e interpretação de textos, assim como compreenderam a sua subjetividade, sua relação com o coletivo e ampliou a capacidade de ler criticamente os textos.

3.3 Produção textual dos estudantes

A seguir, seguem expostos os textos produzidos pelos alunos durante as oficinas.

3.3.1 Oficina – Autorretrato



Para desenvolver essa oficina foram executados os seguintes procedimentos metodológicos.

- Dinâmica: *As palavras da tristeza e da felicidade* (Cosson, 2021. p. 127) “É uma oficina simples que parte de uma lista de palavras para produzir um texto. O professor solicita aos alunos que escrevam dez palavras que expressem tristeza. Depois, pede que escrevam dez palavras que expressem felicidade. Lista as palavras no quadro e as comenta com os alunos, destacando as coincidências e as singularidades. Finalmente, os alunos são instados a escolher cinco palavras de cada tipo e fazer um texto. Alternativamente, o professor pode solicitar que cada aluno ofereça suas palavras de felicidade a al-

guém justificando. Esse texto que é produzido pelos alunos poderá ser o comentário inicial da leitura de um poema que trate do mesmo tema.”

- Leitura e comentários sobre o poema “Autorretrato”, de Mário Quintana (Apontamentos de História Sobrenatural);

O autorretrato

No retrato que me faço
– traço a traço –
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
– pouco a pouco –
minha eterna semelhança,
no final, que restará?
Um desenho de criança...
Terminado por um louco!

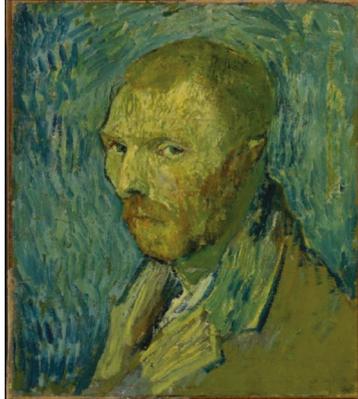
- Leitura de outros poemas que também retratam a subjetividade humana. Poetas; Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Cecília Meireles, bem como observação de quadros de Van Gogh que também tratam do tema.

- Após essas leituras, comentários escritos sobre os textos lidos.

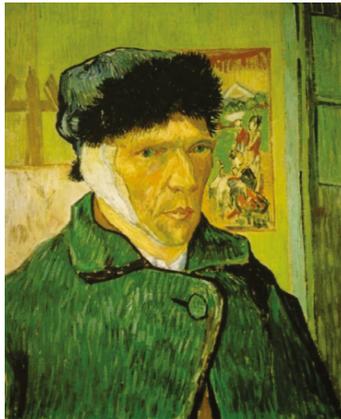
- Produção de um autorretrato, escrito pelos alunos, com o objetivo de mostrar como se veem, e assim ressaltar o seu autoconhecimento.

Textos utilizados para a oficina:

TEXTO 1:



Van Gogh. Autorretrato. 1889.
Óleo sobre Tela (65x54cm)
- Museu d'Orsay, Paris (França)



Van Gogh. Autorretrato com
a Orelha Cortada. 1889.
Óleo sobre Tela (60x49cm)

TEXTO 2:

Autorretrato

Millôr Fernandes

Eu sou um menino maior que muitos e menor que outros. Na cabeça tenho cabelo que mãe manda cortar mais do que eu gosto e, na boca, muitos dentes, que doem. Estou sempre maior que a roupa, por mais que a roupa do mês passado fosse muito grande. Só gosto de comer o que a mãe não quer me dar e ela só gosta de me dar o que eu detesto. Em matéria de brincadeiras as que eu gosto mais são as perversas, mas essa minha irmãzinha grita muito.

<https://armazemdetexto.blogspot.com/2022/03/autorretrato-o-menino-millor-fernandes.html>

Acesso em 22/05/2023, às 16h

TEXTO 3:

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio tão amargo.

Eu não tinha estas mãos tão sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida a minha face?

MEIRELES, Cecília. *Poesia*. Rio de Janeiro:
Agir, 1974, p. 19.

TEXTO 4:

O autorretrato

No retrato que me faço
– traço a traço –
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
– pouco a pouco –
minha eterna semelhança,
no final, que restará?
Um desenho de criança...
Terminado por um louco!

MARIO QUINTANA

TEXTO 5:

Lua Adversa

Tenho fases, como a lua.
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.

Fases que vão e vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.

E roda a melancolia
seu interminável fuso!

Não me encontro com ninguém
(tenho fases como a lua...)
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...

CECÍLIA MEIRELES

TEXTO 6:

AUTORRETRATO

Manuel Bandeira

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.

TEXTO 7:

Autorretrato aos 56 anos

Nasceu em 1892, em Quebrangulo, Alagoas.

Casado duas vezes, tem *sete filhos*.

Altura 1,75.

Sapato n.º 41.

Colarinho n.º 39.

Prefere não andar.

Não gosta de vizinhos.

Detesta rádio, telefone e campanhas.

Tem horror às pessoas que falam alto.

Usa óculos. Meio calvo.

Não tem preferência por nenhuma comida.

Não gosta de frutas nem de doces.

Indiferente à música.

Sua leitura predileta: a Bíblia.

Escreveu "Caetés" com 34 anos de idade.

Não dá preferência a nenhum dos seus livros publicados.

Gosta de beber aguardente.

É ateu. Indiferente à Academia.

Odeia a burguesia. Adora crianças.

Romancistas brasileiros que mais lhe agradam:

Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis,

Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.

Gosta de palavrões escritos e falados.

Deseja a morte do capitalismo.

Escreveu seus livros pela manhã.

Fuma cigarros “Selma” (três maços por dia).
É inspetor de ensino, trabalha no “Correio do Manhã”.
Apesar de o acharem pessimista, discorda de tudo.
Só tem cinco ternos de roupa, estragados.
Refaz seus romances várias vezes.
Esteve preso duas vezes.
É-lhe indiferente estar preso ou solto.
Escreve à mão.
Seus maiores amigos: Capitão Lobo, Cubano, José Lins do Rego e José Olympio.
Tem poucas dívidas.
Quando prefeito de uma cidade do interior, soltava os presos para construírem estradas.
Espera morrer com 57 anos.

Fonte: Site oficial do Escritor Graciliano Ramos

- Após a leitura, discussão e comentários os estudantes produziram autorretratos, com o objetivo de mostrar como se veem, e assim ressaltar o seu autoconhecimento.

Estações

O vento trazendo aquele cheirinho de chuva;
Música para meus ouvidos.
Anoitece e aquele som calmo
Só me resta ficar quietinha,
No aconchego da minha cama,
Já estou longe dos braços de quem ama!
Que dia lindo!
Perfume no ar, terra molhada,

Plantas agradecidas!
São tantas belezas de se ver,
Alegrando o meu ser,
Flores coloridas despertando o meu viver.
Sou grata, amo a chuva que nos dá vida
E a estas estações de sentimentos.
Assim sou eu!
Apreciando as estações da vida!
J. S. P. (7ª Série)

Eu...
Eu...
Eu sou um menino obscuro;
Não gosto do governo,
Sou bem sincero;
Gosto de rir, às vezes,
Sou cheio de ódio!
Mas essa é a vida,
Posso ser também
Carinhoso e simpático,
Porque minha meta
É melhorar a vida da minha família!
G. P. A. (7ª Série)

Minha identidade

Eu, Nair, sou uma pessoa que gosta muito de sorrir,
Sinto-me alegre!
O que mais gosto é vir para a escola estudar
E também ir para a igreja;
Meus sonho é concluir o ensino médio, se Deus quiser;

Experiências... já tive muitas!
Às vezes me sentir alegre,
E outras, triste pelas decepções da vida;
Mas hoje, o importante é que estou superando
E me alegrando...
Graças a força de todos à minha volta,
Aos meus professores e diretora em minha escola.
Isso tem me ajudado muito a vencer!
N. S. S. (8ª)

Vida real

Meu nome: M. E. e nasci em dezembro de 2005,
Gosto de dinheiro, comida, amigos, história,
Não sou fã de política, porém luto com afinco!

Sonho em viajar e ter dinheiro para sustentar mi-
nha família!

Tenho 16 anos, não vivi muita coisa,
O que vivi serviu de aprendizado e serve para a vida!

Já tive muitas decepções e criei muita expectativa,
Isso acontece com todos e faz parte da vida.

M. E. V. A. (8ª)

Fases

Tenho fases como a lua
Fases de um dia estar alegre
E em outros triste,
Decepções amorosas
Decepções com a vida
E fases vitoriosas

Fase de ser sozinha
Fase de estar na multidão
Todas vem e vão!

J. D. F. T. (8ª)

Assim sou eu...

Gosto de trabalhar,
Ganhar muito dinheiro
Assim vou conseguir realizar meus sonhos:
Carro, casa própria,
Ver minha família bem,
Ter uma profissão também!

N. P. O. (8ª)

Minha descrição

Neste texto eu me descrevo,
Linha por linha
Às vezes, estressado,
às vezes, triste,
Às vezes, alegre
Alegre, porque lembro dos meus amigos,
Ou da minha família,
Momentos que se foram
E outros que irão
Sempre haverá recordação
Pouco a pouco
Minha eterna lembrança feliz
Ou triste...
No final, que restará?
Risos e choro para recordar.

C. E. P. L. (8ª)

Ficar em casa

Eu gosto de ficar em casa,
Não gosto muito de sair,
Sonho em crescer na vida
Minhas experiências são muitas...
Decepções e alegrias também!
Autor anônimo

Sou o que sou

Eu sou Esther, tenho 18 anos,
Sou difícil demais de lidar,
Tenho muitos conflitos diários, os quais me consomem.
Em alguns momentos, só quero fugir dos problemas que me rodeiam.
Tenho pouca paciência com pessoas que não têm humanidade,
Hoje tudo é motivo de crítica,
Tento ser objetiva no que eu quero e planejo minha vida: dignidade
Sempre há pessoas que tentam desviar do meu propósito
e minhas ambições.
Sou dedicada em tudo que faço,
Tenho mania de fazer tudo, buscando perfeições.
Sou ambiciosa demais,
Quero crescer e superar meus limites.
Sou de poucas amizades,
Pois já me decepcionei demais,
Pessoas fingem ser o que não são.
No amor eu me perdi uma vez e me encontrei na solidão.

Meu único sonho é ser uma mulher na qual eu
possa ter orgulho

E não me envergonhar jamais.

E. S. O. (8ª)

Quero voltar a sonhar

Sou uma pessoa muito “besta”

Confio nas pessoas, que sempre me decepcionam

Por isso fico muito triste,

Sonho não sei mais sonhar,

Minhas lutas me entristecem...

Gostaria de voltar ao passado

Minha vida de antes

Quem sabe mudaria o presente

Para voltar a sonhar!

R. M. C. (8ª)

Ser criança!

Eu tenho um sonho

Queria ser criança!

Eu sempre me recomponho

Pois tenho esperança.

Com um coração tão puro,

Sem ódio e nem vingança.

Eu era muito feliz,

Pois amava minha infância.

W. S. M. (8ª)

O que me anima

Eu sou Bryan, tenho 16 anos, moro com minha
avó. Ultimamente tenho trabalhado muito e não

estava com tempo para sair com os meus amigos e nem com a minha namorada. Tive algumas brigas familiares com minha mãe e meu tio.

Uma coisa que me acalma muito é sair com o meu irmão, amigos e namorada. Meu sonho é ter a minha casa, meu carro e minha moto. Dó quero sempre dar o melhor para minha família.

B. L. S. (8ª)

Um pouco diferente

Eu sou um pouco diferente,

Mas também muito comum.

O que gosto de fazer é andar de patins,

Jogar eletrônicos e sair com os amigos.

Minha maior decepção é não conseguir algo,

Não poder sair, não poder jogar...

Meu grande sonho:

Formar em medicina

Cardiologia e cirurgião.

Assim vou vivendo, pensando no futuro e vivendo o hoje.

T. C. S. (8ª)

Decepções e sonhos

Meu nome é Kauã

Sapato, número 40, moro sozinho!

Decepções: Quando perdi minha mãe.

Avós: eles são muito importantes para mim.

Eu sou alegre e divertido.

Gosto de brincar com as pessoas,

Também gosto de estudar.

Sonho em ser policial Federal
Já vivi muitas experiências
E participei de um concurso militar.

K. L. L. (8ª)

Quem sou?

Eu sou uma pessoa estranha
Assim calmo e gelado
Com pensamento de que poucas coisas me interessam.
Humildemente legal com coisas relacionadas a mim.
Sou especial e me vejo chato.
Muitos assim dizem e eu concordo,
Mas sou confiável.
Gosto de brincar, mas em minha solidão.
Não me encontro com ninguém,
Apenas com minha mãe.

K. A. S. (7ª)

Contradições

Eu sou como o vento:
Às vezes forte, às vezes fraco.
Sou muito esforçado
E sei o que quero.
Gosto de brincar com as pessoas, e me divertir.
Há momentos que me sinto cheio de vida
e em outros sinto-me triste e perdido.
Sinto que estou no lugar errado.
Eu sou pensativo,

Penso muito na vida.
Como ela foi, como é e como será...
Eu tenho um bom emprego, trabalho todo dia
Todo dia tento ser o melhor,
Para que um dia possa pensar na vida novamente
E perceber o meu progresso.

D. M. N. (7ª)

Autorretrato

Eu sou muito pensativo,
mas também muito brincalhão com as coisas;
Mas sou fácil de compreender
e sou um cara apegado às coisas.
Sou filho mais novo e que mais dá trabalho!
Não gosto muito de sair para lugares,
gosto de jogar futebol e ouvir música,
Sou fácil de me machucar
e também fácil para ver meus erros
Boto minha fé em Deus!

G. A. S. (7ª)

Essa é minha vida

Eu sou morena e solteira;
Mãe de seis filhos,
Considero-me uma guerreira;

Criei todos meus filhos sozinha,
Com a ajuda de Deus,
Consegui cuidar de todos
E tenho minha casinha.

Eu ainda continuo trabalhando e estudando,
Mesmo longe eu morando,
Eu não vou desistir
Daquilo que quero conseguir

Vou lutar!
Mesmo quando a tempestade vem,
Eu não vou abaixar a cabeça
Vou continuar pensando no meu bem.

R. M. T. (7ª)

Menina ou mulher?

Uma menina ou mulher?
As duas...
Sou do tipo que leva a vida na brincadeira,
Divertida e educada,
Chorona e esforçada!
Cada conquista para mim,
é apenas um recomeço;
Sempre de cabeça erguida,
Sigo levando minha vida!
Do passado, tenho dor,
No presente tenho amor,
Para o futuro, confio no Senhor!

M. J. R. M. (8ª)

Como eu sou

Sou esforçada,
Carinhosa e dedicada.
Nem sempre consigo acertar em tudo,

Mas sempre vejo erros como pontos de melhorias
Erros são superáveis
A cada dia, tento ser melhor
Porém isso não quer dizer que eu consiga,
Mas há sempre esperanças!

Anônimo

Autorretrato

Sou como as estações do ano, que mudam a cada
90 dias.
Às vezes sou quente, as vezes sou fria.
Isso depende muito da maneira como sou espe-
rada
Se me esperam com ternura
Sou capaz de aquecer com todo meu amor,
Mas se me esperam com indiferença sou capaz de
congelar
todos os meus mais profundos sentimentos.
Mas também sou como a primavera,
que floresce todo o seu jardim de emoções.
Também posso ser tão sombria como o outono,
que fica completamente seco, sem folhas e flores.
Outono que esconde toda a sua beleza
Só para não enfeitar seu caminho,
quando fostes tão indiferente comigo.
Essa sou eu, que ofereço o meu melhor
Quando há intenções tratamento que mereço.

A. A. M. (6ª)

3.3.2 Verbetes Poéticos



Para desenvolver essa oficina foram executados os seguintes procedimentos metodológicos.

- Dinâmica: *Laços de palavras*. (Cosson, 2021. p. 130) “O professor seleciona várias palavras que tenham o mesmo final, como se fossem rimas. Ele escreve cada uma dessas palavras em papezinhos e distribui aos alunos. Em seguida, pede que formem frases com ela, porém deixando essa palavra no final da frase. Depois, a turma forma um círculo e vai unindo as frases, gerando um poema. Em seguida, outro poema que contenha as mesmas palavras pode ser explorado pela turma.” Ao invés de formar um círculo, eu organizei grupos para que os estudantes juntassem suas frases e formassem o poema.

- Verificação do significado de alguns verbetes em dicionários impressos;

- Leitura de poemas do *Caderno H*, de Mário Quintana, previamente escolhidos, observando-se verbetes que contemplavam a subjetividade humana e que possibilitavam a criação de uma ordem de palavras com as iniciais alfabéticas.

- Distribuição de palavras, selecionadas previamente e que especificavam a sequência do alfabeto da Língua Portuguesa. Em seguida, os estudantes relacionaram com os sentimentos e experiências de suas vidas, comentando-as oralmente.

- Na sequência, produziram *Verbetes Poéticos* que definiam suas emoções e sentimentos, com base nas palavras motivadoras, já trabalhadas.

- A seguir, a atividade distribuída aos alunos para execução dessa oficina.

Atividades

1 - Pesquise os seguintes verbetes no Dicionário:

A - Contentamento _____

B - Deleite _____

C - Empatia _____

D - Exaltação _____

E - Exultação _____

F - Júbilo _____

G - Regozijo _____

H - Resiliência _____

I - Superação _____

J - Temeridade _____

2 - Leia os seguintes poemas da obra *Caderno H*, de Mário Quintana:

AMIZADE

Quando o silêncio a dois não se torna incômodo.

AMOR

Quando o silêncio a dois se torna cômodo.

BEBIDA

Quem bebe por desgosto é um cretino: só se deve beber por gosto.

COMODIDADE

A falta de imaginação, a mesmice, é uma coisa tão cômoda, afinal... Como faz bem certificarmo-nos mais uma vez de que o cachorrinho de cada velhota sempre se chama Joli e

que em toda cidadezinha desconhecida em que desembarcamos há sempre um Grande Hotel.

DUPLA DELÍCIA

O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

EVOLUÇÃO

O que me impressiona, à vista de um macaco, não é que ele tenha sido nosso passado: é este pressentimento de que ele venha a ser o nosso futuro.

FIM

E chegará um tempo em que os militares inventarão um projétil tão perfeito, mas tão perfeito mesmo, que dará a volta ao mundo e os pegará por trás.

A GERAÇÃO FATAL

Chocante, o caso da minha geração: é, em geral, a história de um menino que nasceu e foi criado n uma casa de intolerância.

GALERIA

Os quadros são janelas abertas para o outro mundo deste mundo.

HERÓIS

As biografias dos grandes homens são feitas de absurdos, estão cheias de acontecimentos incômodos, que atravancam tudo. A vida deles lhes acontece de fora para dentro.

Muito mais interior, mais natural, mais humana é a tua vido-
ca, anônimo leitor, que és o herói sem história do quotidiano.
Se pudesses, se soubesses contar-me a tua vida, eu tiraria dela
muito mais proveito do que da vida de Napoleão.

IMAGINAÇÃO

A imaginação é a memória que enlouqueceu.

A JANELA

Sento-me à mesa. Quem sabe? Quem se senta, se tenta...
60,70, escrevo, arredondado caprichosamente os zeros. E o
burro do papel me fica incompreensivelmente olhando, na es-
pera inútil dos 80. O papel está hoje com uma abominável fal-
ta de imaginação. Continua, apenas, olhando-me: vazio, mais
quadrado do que nunca. Porque o papel é uma janela que, em
vez de a gente espiar por ela, ela é que espia para a gente...

LEITURA

Livro bom, mesmo, é aquele de que às vezes interrompe-
mos a leitura para seguir – até onde? – uma entrelinha... Leitu-
ra interrompida? Não. Esta é a verdadeira leitura continuada.

MUNDO

Naquele tempo não sabíamos, mas se a gente se sentia
tão bem lá dentro do circo era porque o seu amplo toldo for-
mava um universo fechado – só para nós.

NOSTALGIA

A vista de um veleiro em alto mar remoça a gente no mí-
nimo uns cento e cinquenta anos.

A OPINIÃO

Quando dê uma opinião, nunca deixes de escrever data...

DA PREGUIÇA

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.

DO RESPEITO HUMANO

Conviver toda a existência com alguém sem nunca dar a entender que ele perdeu há anos uma perna ou que perdeu um dia a cabeça...

DA SAUDADE

A saudade que dói mais fundo – e irremediavelmente – é a saudade que temos de nós.

TEMPO PERDIDO

Havia um tempo de cadeiras na calçada. Era um tempo em que havia mais estrelas. Tempo em que as crianças brincavam sob a claraboia da lua. E o cachorro da casa era um grande personagem. E também o relógio de parede! Ele não media o tempo simplesmente: ele meditava o tempo.

URBANISMO

Para as nossas cidades metálicas, que melhor ornamentação que os cactos? Se não por outros motivos, já bastava o seu próprio nome – cacto – tão adequadamente cacofônico.

AH, VIDA...

A vida está cheia de interferências indébitas, de casos estúpidos, de personagens errados que travam conosco desencontrados diálogos de surdos, a vida está atravancada de por menores inúteis, a vida parece um romance mal feito!

ZERO

Zero igual a zero: a única evidência. As outras sempre se prestam a discussões.

3 - Agora vamos montar um Dicionários de emoções.

- Cada aluno pode sugerir palavras com as iniciais do ALFABETO, vamos colocar pelo menos três em cada letra do alfabeto. (Essa atividade foi coletiva e construída no quadro branco da sala de aula.)

- Em seguida escolham as palavras que mais se relacionem com os sentimentos e experiências de suas vidas.

- Redijam **Verbetes Poéticos** relatando as emoções que as palavras escolhidas provocaram em você.

A

Afeto

É ter sempre uma pessoa com você para estar juntinhos.

F. N. (7ª)

Alegria

Estar bem consigo mesmo, de bem com a vida. V.

P. L. (6ª)

Alegria

Estar bem, não se preocupar com a vida, fazer os que estão decepcionados rirem, nunca abaixar a cabeça e ser agradecido.

F. N. (7^a)

Amizade

Ser sincero, respeitar e ter confiança.

V. P. L. (6^a)

Amizade

Alegria de fazer um passeio com seus colegas. Estar sorrindo com alegria e paz.

E. S. L. (7^a)

Amizade

Ser sincero, respeitar e ter confiança.

V. P. L. (6^a)

Amar

Aprender a compartilhar sentimentos que estão dentro de você.

M. J. R. M. (8^a)

Amor

Laço muito forte entre duas pessoas, quando há sentimentos.

R. M. T. (7^a)

Amor

Muitas pessoas, hoje em dia, nem sabem o significado do amor. É um sentimento muito bom, que faz o humano esquecer os seus problemas e também pode machucá-lo e muito!

K. Â. S. (7ª)

Amor

Só tenha certeza que é amor, quando não puder explicar.

W. S. M. (8ª)

Amor

Sempre deve prevalecer com alegria e amizade.

N. S. S. (8ª)

Amor

É encontrar alguém que faça sua vida fazer sentido.

D. M. N. (7ª)

Amor

Estar com uma pessoa por vontade.

G. P. A. (7ª)

Amor

É um sentimento único que a gente conquista ao longo do tempo, com aqueles que merecem.

G. A. S. (7ª)

Amor

Dedicar o tempo, dando tudo que precisa e oferecendo tudo que tem.

Fabrcio Nascimento (7^a)

Amizade

Ser sincero, respeitar e ter confianca.

V. P. L. (6^a)

B

Benignidade e amor

São aoes do coracao, ligadas as nossas sensacoes pela humanidade. Exaltar esse sentimento e invuldar o sentimento do odio, para que a generosidade e a gentileza sejam responsabilidade de todos em relacao a populacao.

A. A. M. (6^a)

Bebida

Bebida para ser boa, tem que beber com gosto.

G. P. A. (7^a)

C

Calmaria

Estar sozinho ou muito bem acompanhado.

C. E. P. L. (8^a)

Capacidade

Enfrentar os obstaculos do dia a dia e as lutas mais dificeis.

R. M. T. (7^a)

Carinho

Só recebe quem merece.

W. S. M. (8ª)

Contentamento

É quando consigo as coisas que quero.

W. P. S. D. (6ª)

D

Desânimo

Cansaço mental.

J. D. F. T. (8ª)

Desejo

Comer um chocolate e ter uma sensação boa.

J. S. P. (7ª)

E

Emoção

Um sentimento repentino.

N. P. O. (8ª)

Evolução

Ser mãe pela primeira vez, vencer o desafio de engravidar aos 15 anos, lutar para vencer cada dificuldade em casa, no trabalho e em muitas outras coisas que passei.

K. L. R. (8ª)

Exaltação

É como exaltar a Deus. Estar acima de tudo.

W. P. S. D. (6ª)

F

Família

Um laço de cabo de aço que jamais pode ser destruído, um mundo de maravilhas.

M. J. R. M. (8ª)

Fé

Está em nossos corações. Ter fé para crescer e ter felicidade, não deixar a falsidade vencer.

N. S. S. (8ª)

Felicidade

Um lugarzinho agradável.

W. S. M. (8ª)

Felicidade

É estar com quem você ama, amigos e familiares.

V. P. L. (6ª)

G

Gentileza

Ser agradável, com gratidão e delicadeza.

N. S. S. (8ª)

Glorificar

Agradecer por tudo que acontece.

R. M. T. (7ª)

Gratidão

Agradecer ao próximo por lhe fazer o bem.

J. D. F. T. (8ª)

Gentileza

Gratidão por ter recebido algo, uma ajuda espontânea.

E. S. L. (7^a)

H

Heroísmo

Ato de ajudar ao próximo e salvá-lo no momento difícil

G. A. S. (7^a)

Humanidade

Amor entre as pessoas

C. E. P. L. (8^a)

Humildade

Ser gentil com as pessoas, ajudar ao próximo, respeitar e amar.

E. S. L. (7^a)

I

Imaginação

Começar a estudar e conquistar o conhecimento.

K. L. R. (8^a)

Intuição

Sentir a mente e o coração na profundidade dos olhares e na respiração ao falar cada palavra.

M. J. R. M. (8^a)

J

Júbilo

Comemoração, alegria.

N. P. O. (8ª)

L

Lealdade

Fiel a si mesmo.

J. D. F. T. (8ª)

Liberdade

Ser você mesmo, sem medo, sem dor.

C. E. P. L. (8ª)

Liberdade

Fazer o que quiser, na hora que quiser.

Anônimo

M

Maldade

Raiva, ignorância.

N. P. O. (8ª)

N

Nostalgia

Lembrar de alguém que te fez o bem no passado.

C. E. P. L. (8ª)

O

Orgulho

Observar seus filhos por onde for e ter satisfação em tudo que eles fazem.

E. S. L. (7^a)

P

Paixão

Uma pureza que vem do coração.

A. R. B. (7^a)

Paixão

Amor a outra pessoa ou algo.

N. P. O. (8^a)

Paz

Sinto quando estou com você.

S. A. O. R. (7^a)

Preguiça

É engraçado, porque está cheio de louças para lavar, mas a preguiça não deixa!

G. P. A. (7^a)

Q

Querer

Palavra usada sem qualquer fingimento, com muita vontade. “Mas querer não é poder”.

F. N. (7^a)

Quase

É quando você passa perto, mas não acerta o alvo, ainda tem dúvida, assim passam perto, mas não consegue alcançar.

F. N. (7^a)

R

Respeito

Cortesia uns com os outros, sem rancor no coração, para sempre agir sempre com responsabilidade e emoção.

N. S. S. (8^a)

S

Saudade

É dor infinita e jamais esquecida, saber que quem eu amo não está perto, me faz sentir, no peito, um aperto.

M. J. R. M. (8^a)

Sensação

Felicidade e paz na família, no trabalho e no amor.

R. M. T. (7^a)

Superação

É dar a volta por cima daquilo que jogou você para baixo e quebrar a barreira que te marcou.

G. A. S. (7^a)

Superação

É fazer algo que não estava dando conta e consigo fazer.

W. P. S. D. (6ª)

T

Tédio

Final de domingo.

J. D. F. T. (8ª)

U

União

A união e o amor devem ser sempre únicas.

N. S. S. (8ª)

V

Vaidade

Amor próprio.

J. D. F. T. (8ª)

Vaidade

Desejo de estar sempre bem vestida, sempre elegante, bem vestida, limpa e perfumada.

E. S. L. (7ª)

Vida

A vida só é valorizada, quando perdemos alguém querido.

W. S. M. (8ª)

Vida

Nasce em cada amanhecer.

S. A. O. R. (7ª)

X

Z

Zeloso

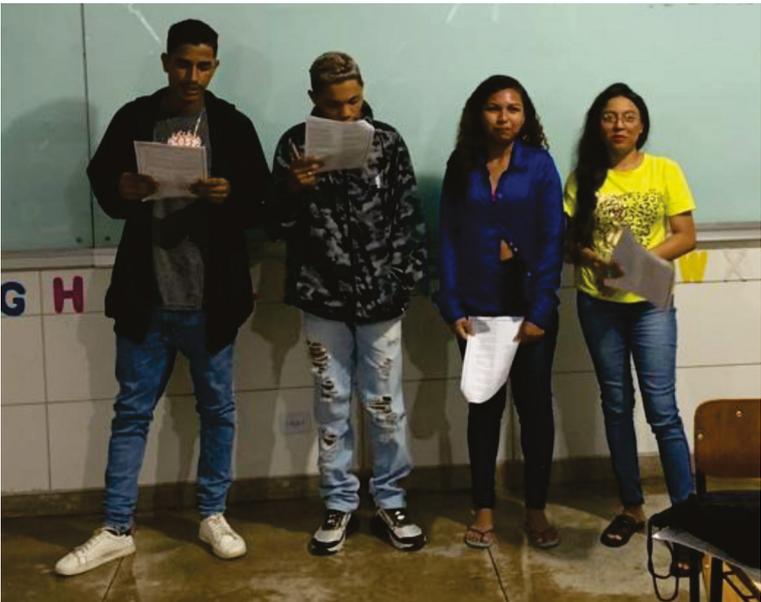
Alguém que dá valor ao seu suor.

C. E. P. L. (8ª)

3.3.3 Trovas poéticas







Para desenvolver essa oficina foram executados os seguintes procedimentos metodológicos.

- Leitura de algumas trovas populares, tais como “Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão”.

TROVAS

Trova é um poema autônomo de quatro versos. A definição de trova que foi adotada como definitiva, segundo Luiz Otávio, é:

Composição poética de quatro versos de sete sílabas cada um, rimando pelo menos o segundo com o quarto verso e tendo sentido completo.

De Jorge Amado: “Quanto à Trova, não pode haver criação literária mais popular, que fale mais diretamente ao coração do povo. É através da Trova que o povo toma contato com a poesia e sente a sua força. Por isso mesmo, a Trova e o Trovador são imortais”.

Exemplo de trova de autoria de Luiz Otávio:

Às vezes o mar bravio
dá-nos lição engenhosa:
afunda um grande navio,
deixa boiar uma rosa!

Outros exemplos de trovas:

“No meu carro vou tranqüilo
tenha a estrada sombra ou luz,
pois bem sei que ao dirigi-lo:
– eu dirijo, Deus conduz.

“Água mole em pedra dura
tanto bate até que fura.”

O tal ditado é um conselho,
não te mostres desolado...
“Ha sempre um chinelo velho
Pra um pé doente e cansado..”

Alegria dos meus olhos
é ver a quem quero bem
quando não vejo quem quero
não quero ver mais ninguém.

Amar e não ter ciúmes,
isso não é querer bem;
quem não zela o bem que ama,
muito pouco amor lhe tem.

O amor tem vista curta
E vê tudo de feição:
Diz que é pálido o mulato,
Diz que é moreno o carvão.

Até menino pequeno
Se consegue desmamar:
Coração acostumado
Não pode deixar de amar.

Nem tudo que ronca é porco,
Nem tudo que berra é bode,

Nem tudo que luz é ouro,
Nem tudo falar se pode.

Não é por andar com livros
Que a gente fica doutor;
As traças vivem com eles.
Devem sabê-los de-cor.

Quando vires mulher magra,
Não tem mais que perguntar:
Se é casada, é ciumenta,
Se é solteira, quer casar.

Não tenho medo de ti,
Nem da faca mais pontuda;
Tenho medo, quando vejo
Perna grossa cabeluda.

A situação tá tão feia,
minha grana tão escassa,
que o vizinho churrasqueia
e eu passo o pão na fumaça.

Desconfio que a saudade
não gosta de ti, meu bem:
quando tu vens, ela vai...
quando tu vais, ela vem!

• Organização de um jogral (Cosson, 2021. p. 132)
com alguns poemas da obra *Espelho Mágico*, de Mário Quin-

tana. “Tradicionalmente, o jogral consiste na dramatização de um trecho ou recitação de trechos de obras, realizada com os alunos divididos em grupos de vozes. É o correspondente falado do canto coral. O professor selecionará o trecho ou texto inteiro e montará o jogo de vozes, indicando quando e quem deve falar. E preciso não confundir o jogral com a simples leitura coletiva de um texto. Na verdade, ele é uma espécie de dramatização.”

- Discussão e interpretação oral e escrita dos poemas de Quintana.
- A seguir, a atividade distribuída aos alunos para execução dessa oficina.

ATIVIDADES

- Audição da música “Era uma vez”, de Kell Smith.
- Leia os poemas abaixo e em seguida, escolha dois poemas e comente-os, de acordo com a sua interpretação:
 - Junte-se a mais três colegas, selecione alguns poemas da obra *Espelho Mágico*, de Mário Quintana e vamos organizar um jogral. (Cosson, 2021. p. 132).
 - Produza, pelo menos três trovas, expressando experiências e sentimentos do cotidiano em relação ao seu próximo.
 - Produza uma carta pessoal, emitindo a sua opinião sobre os estudos poéticos realizados durante as aulas e oficinas de Língua Portuguesa. Fale sobre a sua experiência, em relação aos afetos e emoções provocadas pelas lembranças e vivências construídas ao longo das leituras e produção de textos poéticos.

Música: Era uma vez

Kell Smith

O dia em que todo dia era bom
Delicioso gosto e o bom gosto
Das nuvens serem feitas de algodão

Dava pra ser herói
No mesmo dia em que escolhia ser vilão
E acabava tudo em lanche, um banho quente
E talvez um arranhão

Dava pra ver
A ingenuidade, a inocência cantando no tom
Milhões de mundos e universos tão reais
Quanto a nossa imaginação

Bastava um colo, um carinho
E o remédio era beijo e proteção
Tudo voltava a ser novo no outro dia
Sem muita preocupação

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

Dá pra viver
Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou
mau
É só não permitir que a maldade do mundo
Te pareça normal

Pra não perder a magia de acreditar
Na felicidade real
E entender que ela mora no caminho
E não no final

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

Era uma vez

Música: Girassol

Priscilla Alcântara e Whindersson Nunes

Se a vida fosse fácil como a gente quer
Se o futuro a gente pudesse prever
Eu estaria agora tomando um café
Sentado com os amigos em frente à TV
Eu olharia as aves como eu nunca olhei

Daria um abraço apertado em meus avós
Diria eu te amo a quem nunca pensei
Talvez é o que o universo espera de nós
Eu quero ser curado e ajudar curar também
Eu quero ser melhor do que eu nunca fui
Fazer o que eu posso pra me ajudar
Ser justo e paciente como era Jesus
Eu quero dar mais valor até o calor do sol
Que eu esteja preparado pra quem me conduz
Que eu seja todo dia como um girassol
De costas pro escuro e de frente pra luz
E de frente pra luz
E de frente pra luz
Se a vida fosse fácil como a gente quer
Se o futuro a gente pudesse prever
Eu estaria agora tomando um café
Sentado com os amigos em frente à TV
Eu olharia as aves como eu nunca olhei
Daria um abraço apertado em meus avós
Diria eu te amo a quem nunca pensei
Talvez é o que o universo espera de nós
Eu quero ser curado e ajudar curar também
Eu quero ser melhor do que eu nunca fui
Fazer o que eu posso pra me ajudar
Ser justo e paciente como era Jesus
Eu quero dar valor até o calor do sol
Que eu esteja preparado pra quem me conduz
Que eu seja todo dia como um girassol
De costas pro escuro e de frente pra luz
E de frente pra luz
E de frente pra luz

TROVAS LITERÁRIAS

POEMAS DE MÁRIO QUINTANA

I. Da observação

Não te irrites, por mais que te fizerem...
Estuda, a frio, o coração alheio.
Farás, assim, do mal que eles te querem,
Teu amável e sutil recreio...

II. Do amigo

Olha! É como um vaso
De porcelana rara o teu amigo.
Nunca te sirvas dele. Que perigo!
Quebrar-se-ia, acaso...

III. Do estilo

Fere de leve a frase... E esquece... Nada
Convém que se repita...
Só em linguagem amorosa agrada
A mesma coisa cem mil vezes dita.

XII. Das utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas!

XIII. Do belo

Nada, no mundo, é, por si mesmo, feio.
Inda a mais vil mulher, inda o mais triste poema,

Palpita sempre neles o divino anseio
Da beleza suprema...

XXI. Das ilusões

Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o.
Com ele ia subindo a ladeira da vida.
E, no entretanto, após cada ilusão perdida...
Que extraordinária sensação de alívio!

XXII. Da boa e da má fortuna

É sem razão, e é sem merecimento,
Que a gente a sorte maldiz:
Quanto a mim, sempre odiei o sofrimento,
Mas nunca soube ser feliz...

XXIII. Dos nossos males

A nós nos bastem nossos próprios ais,
Que a ninguém sua cruz é pequenina.
Por pior que seja a situação da China,
Os nossos calos doem muito mais...

XXV. Da paz interior

O sossego interior, se queres atingi-lo,
Não deixes coisa alguma incompleta ou adiada.
Não há nada que dê um sono mais tranquilo
Que uma vingança bem executada...

XXXIV. Da perfeição da vida

Por que prender a vida em conceitos e normas?
O Belo e o Feio... o Bom e o Mau... Dor e Prazer...
Tudo, afinal, são formas
E não degraus do Ser!

XXV. Da eterna procura

Só o desejo inquieto, que não passa,
Faz o encanto da coisa desejada...
E terminamos desdenhando a caça
Pela doida aventura da caçada.

XXXVI. Da falsidade

Foi tudo falso, o que ela me disse?
Fecha os olhos e crê: a mentira é tão linda!
Nem ela sabe que fingir meiguice
É o mais certo sinal de que te ama ainda...

XLI. Da arte de ser bom

Sê bom. Mas ao coração
Prudência e cautela ajunta.
Quem todo de mel se unta,
Os ursos o lamberão.

XLII. Do espetáculo de si mesmo

Conhecer a si mesmo é inútil, parece,
Mas sempre diverte um pouco...
Coisa assim como um louco que tivesse
Consciência de que é louco.

XLIV. Dos livros

Não percas nunca, pelo vão saber,
A fonte viva da sabedoria.
Por mais que estudes, que te adiantaria,
Se a teu amigo tu não sabes ler?

XLVIII. Das ideias

Qualquer ideia que te agrade,
Por isso mesmo... é tua.
O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro em ti se achava inteiramente nua...

L. Da amizade entre mulheres

Dizem-se amigas... Beijam-se... Mas qual!
Haverá quem nisso creia?
Salvo se uma das duas, por sinal,
For muito velha, ou muito feia.

LIII. Das leis da natureza

Falar contra mulheres...
Que ingenuidade a tua!
Dize-me, acaso queres
Ironizar as variações da lua?

LVII. Da sinceridade

Tens um amigo que fala bem
E um cão que nada explica.
Um jura-te amizade...
O outro, porém,
Seus bons serviços te dedica.

LXVI. Dos defeitos e das qualidades

Diz o Elefante às Rãs que em torno dele saltam:
“Mais compostura!
Ó céus! Que piruetas incríveis!”
Pois são sempre, nos outros, desprezíveis
As qualidades que nos faltam...

LXVIII. Da felicidade

Quantas vezes a gente, em busca da ventura,
Procede tal e qual o avozinho infeliz:
Em vão, por toda parte, os óculos procura,
Tendo-os na ponta do nariz!

LXX. Da caridade

Se se pudesse dar, indefinidamente,
Mas sem, do que se deu, nada perder, em suma,
Ainda assim, muita gente
Nunca daria coisa alguma...

LXXII. Do objeto amado

Impossível que a gente haja nascido
Com os encantos que um no outro vê!
E um belo dia se descobre que
Houvera apenas um mal entendido...

LXXIV. Do amoroso esquecimento

Eu, agora, – que desfecho!
Já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixo
De lembrar que te esqueci?

LXXVI. Da discrição

Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem
E o amigo de teu amigo
Possui amigos também...

LXXVIII. Da preguiça

Suave preguiça, que do mau querer
E de tolices mil ao abrigo nos pões...
Por causa tua, quantas más ações
Deixei de cometer!

LXXXV. Da viuvez

Ele está morto. Ela, aos ais.
Mas, neste lúgubre assunto,
Quem fica viúvo é o defunto...
Porque esse não casa mais.

LXXXVIII. Da riqueza

O dinheiro não traz venturas, certamente.
Mas dá algum conforto... e em verdade te digo:
Sempre é melhor chorar junto à lareira quente
Do que na rua, ao desabrigo.

XCVI. Dos hóspedes

Esta vida é uma estranha hospedaria,
De onde se parte quase sempre às tontas,
Pois nunca as nossas malas estão prontas
E a nossa conta nunca está em dia...

XCVII. Da calúnia

Sorri com tranquilidade
Quando alguém te calunia.
Quem sabe o que não seria
Se ele dissesse a verdade...

CI. Da condição humana

Custa o rico a entrar no Céu
(Afirma o povo e não erra).
Porém muito mais difícil
É um pobre ficar na terra...

CIX. Da amarga sabedoria

Conhecer a si mesmo e aos outros... Ver ao mal
Com mais clareza... Ó triste e doloroso dom!
E sofrer amis que todos, no final,
Sem o consolo de ter sido bom.

- A seguir, as trovas produzidas pelos estudantes:

Do amor

Moça, meu amor quero dedicar a ti
Tudo que sinto por você
Às vezes te quero longe,
Mas às vezes te quero perto.

Eu ainda vou te abraçar e dizer:
Caramba que magrinha.

Eu achei que seria diferente
“Mas diferente em quê?
Eu te avisei sobre o nada...”

A batatinha quando nasce

Espalha a rama pelo chão
O amor que eu sinto por você,
é grande de montão.

K. A. S. (7ª)

Do amor

É um sentimento
Que queima no peito
Purifica o coração,
Mas às vezes te machuca.

K. L. L. (8ª)

Do amigo

Amigo é quem te ajuda
Nas horas em que precisa
Amigo não te maltrata
E nem te humilha.

K. L. L. (8ª)

Da confiança

A confiança é coisa conquistada
Não comprada por dinheiro
Mas muito esperada
Precisa ser verdadeiro

K. L. L. (8ª)

Do amor

Como é lindo o amor
Quando nasce do coração
Mas ao mesmo tempo dói e fere. Machuca,
Mas mesmo assim, como é lindo o amor!

A. R. B. (7ª)

Família

Minha família! Nela eu vivo feliz
Com meus filhos,
tudo se torna mais alegre,
e a vida bendiz!

A. R. B. (7ª)

Riqueza

O dinheiro não é tudo.
Mais vale o sossego da alma,
do que a solidão com tanto dinheiro.

A. R. B. (7ª)

Família

Família é tudo de bom
Família é união
Família sempre quer harmonia e reflexão.
Família é amar com muita dedicação.

N. S. S. (8ª)

Conselho

“Se conselho fosse bom não daria, vendia”
Quem nunca ouviu essa frase,
Mas quem tem ouvidos, ouça com atenção,
Pois boa parte aconselha com boa intenção.

N. S. S. (8ª)

Viver

“Se amar é viver, vivo porque amo você”
Que a paz prevaleça e reine o amor!

Que vença a união em nosso viver,
Que a vida deixe a paz prevalecer.

N.S. S. (8ª)

Amizades

Amizade é confiar! Amizade é amar!
Topo tudo com os amigos, Aconteça o que for,
Temos que nos encorajar,
Até a traição, eu prefiro perdoar!

E. S. L. (7ª)

Amor

Amar é como uma luz
Quanto mais se ama
A luz aumenta em você
E vai brilhando pra valer!

E. S. L. (7ª)

Família

Sempre tem um falso na família
Fala mal de mim,
Mas sempre está em minha casa
Haja paciência, a justiça não atrasa.

E. S. L. (7ª)

Refúgio

Meu maior refúgio é Deus, Ele me guarda e me li-
vra,
Não confunde os seus.
Ele mostra o caminho da verdade e da sabedoria
Com Ele, ninguém trava o meu caminho.

Com ele sinto prazer de viver,
Quando choro, sempre me mostra o caminho pa-
ra vencer!
Fico grato por vencer,
Meu caminho está guardado e o futuro posso ver.
G. A. S. (7ª)

Morto vivo

Ele está morto ou vivo, mas neste sinistro está fa-
lando que está vivo
Ele acabou ficando viúvo por fingir que estava
morto,
Mas por fim se casou com uma coroa que estava
solteirona,
Que sempre dizia que a vida era uma solitária hos-
pedaria.
K. Â. S. (7ª)

Família

Uma família famosa, bonita, que dizia estar no to-
po da lindeza,
Queria ganhar dinheiro com a sua beleza,
Um dos filhos disse: vamos ficar ricos!
Para um teste de modelo, fizeram a inscrição,
Mas o resultado foi de pura decepção.
K. Â. S. (7ª)

Coração Partido

Um coração partido, vivendo em tristeza, comple-
tamente desanimado!

Um dia arrumou sua cara metade, ficou feliz e animado,
O coração virou balão e não parava de subir,
Subiu e começou a bater nos prédios, estourou
E percebeu a fantasia e não teve mais ilusão.

K. Â. S. (7ª)

Observação

Olhe, pare e pense antes de fazer algo
Não magoe quem está ao seu lado.
Somos frágeis, Tabernáculo de carne!
Temos que evitar a agressão e magoar
Para ser feliz ao de quem se ama!

N. S. S. (8ª)

Amigo

Eu entendo que amigo, todos nós queremos ter,
Mas amigo de verdade aprende a preservar,
Pela nossa integridade deve-se comprometer,
Amizade é como cristal: lindo, mas fácil de quebrar.

N. S. S. (8ª)

Coração Partido

Dá para prosseguir
Com o coração partido,
Aprenda a crescer
E voltar ao início.

G. P. A. (7ª)

Viajar

Vou viajar com toda
A minha emoção
A viagem será tão longa
Que aperta o coração.

G. P. A. (7ª)

O Amor de mãe

Tenho comigo uma flor,
que de presente Deus me deu.
Essa flor é minha filha,
O amor que de mim nasceu.

Â. A. M. (6ª)

Amizade

Levo em meu peito um amigo,
Que não é irmã de sangue, mas é de coração!
Se mexer com ela, mexe comigo,
Porque quando se ama de verdade, se defende um
amigo!

Â. A. M. (6ª)

Amor verdadeiro

Formado de sentimentos
Amor pela minha filha
Quando ela nasceu,
Aí sim, Descobri o que é amor verdadeiro.

W. P. S. D. (6ª)





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir o livro *Entre Versos e Afetos*, foi uma experiência inigualável, pois pude comprovar a eficácia de um trabalho planejado e organizado com base em um referencial teórico salutar. E creio que os estudantes compreenderam a força que a poesia exerce sobre a humanidade e sobre cada um deles.

Dessa forma, proporcionar aos leitores da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Municipal Jardim Nova Esperança, uma boa leitura foi motivo de satisfação. Perceber que liam e compreendiam os poemas de Mário Quintana foi momento de regozijo, já que, cada conquista alcançada é a certeza de que a literatura contribuiu para o processo de emancipação desses estudantes. Conforme afirma Adorno, “A possibilidade de levar cada um a “aprender por intermédio da motivação” converte-se numa forma particular do desenvolvimento da emancipação.” (2022, p. 186).

A cada aula que era ministrada, percebia-se a motivação que eles tinham para ler, compreender e relacionar o que liam ao seu mundo, isso posto, fica a convicção de que “A boa literatura quer leitores capazes de ler a sério, leitores capazes de compreender que a única liberdade de pensamento é a liberdade que se constrói” (ANDRUETTO, 2017, p. 94-95).

Portanto, é necessário que o professor seja orientador na formação do leitor literário crítico-reflexivo, sendo aquele que proporciona interação e aproveitamento das experiências e habilidades que os educandos trazem consigo a fim de aprimorar a leitura e interpretação na formação integral do cidadão.

Perante o exposto, considera-se a leitura de obras literárias basilar para a formação crítica e reflexiva do educando, além contribuir para que o leitor tome consciência de sua existência no mundo.



REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Márcia Soares de. **Sentidos da Cidadania:** políticas de educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação.** 4. ed. Revista, São Paulo: Paz e Terra, 2022.

ADORNO, Theodor. **Poesia Lírica e sociedade.** Coimbra: Angelus Novus, 2003. (Coleção Marfim).

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Elogio da dificuldade:** formar um leitor de literatura. **A leitura, outra revolução.** São Paulo: Sesc-SP, 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In **Vários Escritos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** Teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 7. ed. São Paulo, Cortez/Campinas, autores Associados, 1994.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 77. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 11. ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GATOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. (org.) **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia pra quê? A função social da poesia e do poeta**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

PAZ, Octavio. **O arco e a Lira**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PILATI, Alexandre. **Poesia na sala de aula**: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo, Parábola, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é subjetividade?** Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**: ensaios. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2009. (Coleção: Leitura e Formação)

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18. ed. 7ª reimp. São Paulo: Cortez, 2011.



Célia Sebastiana Silva
(Orientadora)

Possui doutorado em Literatura pela UNB, onde defendeu a tese “Consciência crítica na prosa de ficção de Carlos Drummond de Andrade”; mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás; especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, graduação em Letras pela UEG-Goiás e em Direito pela UFG. É professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da UFG onde atua da educação básica à pós-graduação, desde 2009. Suas linhas de pesquisa estão voltadas para a poesia brasileira moderna e contemporânea, teoria e crítica da poesia lírica e para a área de ensino de literatura e de formação do leitor literário na educação básica, especialmente o leitor de poesia. Atua no PPGEEB-CEPAE-UFG e coordena projetos de pesquisa e de extensão na área de leitura literária e formação de leitores na educação básica como PIPOESIA e TRAPPO – VOZ E POESIA.



Vânia de Oliveira Resende Santos

Possui mestrado em Ensino na Educação Básica, pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, especializações em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira; Língua Portuguesa: Ensino da Literatura pela Universidade Federal de Goiás, Psicopedagogia pela Faculdade Montes Belos; possui graduação em Letras pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Itapuranga e Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Boa Esperança. É professora na rede Estadual de Goiás e também no município de Goiânia. Desde 1993 atua como professora de Língua Portuguesa e como motivadora da leitura como fonte de transformação individual e social, acreditando ser a educação de qualidade o melhor caminho para uma sociedade mais justa e consciente de seus direitos e deveres.